

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES  
CURSO DE PEDAGOGIA

**ENTRE ONDAS E DISCURSOS: A DOCÊNCIA**

Ana Luiza Wolschick

Lajeado, novembro de 2014

Ana Luiza Wolschick

## **ENTRE ONDAS E DISCURSOS: A DOCÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIVATES, como parte da exigência para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Ma. Fabiane Olegário

Lajeado, novembro de 2014

## AGRADECIMENTOS

*“Tudo pode ser, se quiser será  
O sonho sempre vem pra quem sonhar  
Tudo pode ser, só basta acreditar  
Tudo que tiver que ser, será”*

Agradeço a UNIVATES, ao Curso de Pedagogia e todos os professores por proporcionarem encontros de aprendizagem e experiências.

*“Tudo que eu fizer  
Eu vou tentar melhor do que já fiz  
Esteja o meu destino onde estiver  
Eu vou buscar a sorte e ser feliz”*

Obrigada minha orientadora Fabi, pelo abraço apertado, pelo carinho e pelos muitos e muitos ensinamentos. Sentirei saudades das nossas orientações, acredito que foi o destino que nos proporcionou esse encontro.

*“Tudo que eu quiser  
O cara lá de cima vai me dar  
Me dar toda coragem que puder  
Que não me falte forças pra lutar”  
“Vamos com você  
Nós somos invencíveis, pode crer  
Todos somos um  
E juntos não existe mal nenhum  
Vamos com você  
Nós somos invencíveis, pode crer  
O sonho está no ar  
O amor me faz cantar”  
Agradeço ao Cara Lá de Cima.*

À Maria, minha mãe, por estar sempre ao meu lado me dando apoio, deixando minhas roupas sempre lavadas e passadas, a comida sempre prontinha me proporcionando mais tempo para me dedicar à pesquisa.

Ao meu pai Luiz, que sempre demonstrou muito orgulho da profissão que escolhi e das palavras confortantes que sempre diz na hora certa.

A minha mana, Márcia, por tentar me deixar mais tranquila em relação ao TCC, me confortando e me auxiliando sempre que necessário.

Às minhas afilhadas, Clara e Joana, que vieram ao mundo no decorrer da minha pesquisa e fizeram com que este momento fosse ainda mais importante.

Ao Tiago, meu “namorado”, que me deu a mão e trilhou comigo esse caminho.

*“Lua de cristal  
Que me faz sonhar  
Faz de mim estrela  
Que eu já sei brilhar  
Lua de cristal  
Nova de paixão  
Faz da minha vida  
Cheia de emoção” (Como Lua de Cristal)<sup>1</sup>*

E não poderia esquecer de deixar meu muito obrigada às minhas amigas e parceiras de 7 anos de faculdade, vocês tornaram esses momentos inesquecíveis.

---

<sup>1</sup>Música “Lua de Cristal”, compositor Michael Sullivan e cantora Xuxa.



## **Mensagem– O MUNDO INTEIRO**

*A rocha, a pedra, a areia, o seixo  
O braço, o ombro, o rosto, o queixo  
Um buraco pra cavar e uma concha pra guardar  
O mundo inteiro é um vasto lugar  
O mel, a abelha, o favo, o zumbido  
O sabugo, a espiga, o milho cozido!  
O tomate vermelho, a erva de cheiro  
O mundo inteiro é um canteiro  
O tronco, o toco, o ramo, o carvalho  
Tregar no alto, ficar sobre o galho  
Ver a manhã passar neste abrigo  
O mundo inteiro é novo e antigo  
A rua, a via, a travessa, o caminho  
O navio, a jangada, a vela, o barquinho  
O ninho, a ave, a nuvem cinzenta  
O mundo inteiro sopra e venta  
Corre, tropeça, escorrega, olha a lama!  
Vira o balde, derruba, esparrama  
A sorte volta em outro momento  
O mundo inteiro segue em movimento  
A mesa, o prato, a faca, o saleiro  
A barriga faminta, o jantar vem ligeiro  
O pão, a farinha, o caldeirão fervente  
O mundo inteiro é frio e quente  
O sol se pondo, a sombra repentina  
O fim do dia, o grilo, a cortina  
Um fogo leva o frio embora  
O mundo inteiro descansa uma hora  
Os avós, os pais, os parentes, os primos  
O piano, a harpa e o violino  
De colo em colo segue o bebê  
O mundo inteiro somos eu e você  
Tudo o que se escuta, sente e vê  
O mundo inteiro é tudo isso  
Tudo isso somos eu e você  
A paz, a esperança e o amor verdadeiro  
Nós somos o mundo inteiro  
(SCANLON, 2013).*

## RESUMO

As inquietações iniciais nas quais mergulhei, se manifestaram a partir da docência e dos discursos da Revista Nova Escola. Ao longo do estudo desassossegos permearam à minha escrita através das leituras que embasaram a pesquisa, imaginando ondas, suspendendo a ideia linear de início, meio e fim. O problema é compreender como a docência é narrada na contemporaneidade, tendo como principal objetivo analisar reportagens da Revista observando enunciados sobre o professor e a docência. Utilizo como metodologia a análise discursiva, fazendo um recorte temporal da revista, o qual totaliza quarenta exemplares referentes aos anos de 2010 e 2013, elencando categorias de análise, tais como: bom professor, (des)valorização da carreira, trabalho em equipe e especialistas. Como aporte teórico utilizei, principalmente, os estudos de Corazza (2005, 2012), Bauman (1999, 2001, 2005), Foucault (2002, 2009).

**Palavras-chave:** Docência. Discurso. Revista.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2 CRIAÇÕES DE UM DESASSOSSEGO.....</b>	<b>11</b>
<b>3 ERA UMA VEZ... UMA HISTÓRIA .....</b>	<b>15</b>
<b>4 MODERNIDADE SÓLIDA E MODERNIDADE LÍQUIDA: ALINHAVOS DO TEMPO .....</b>	<b>24</b>
<b>5 IDENTIDADE E DIFERENÇA: EM JOGO O PROFESSOR .....</b>	<b>30</b>
<b>6 AO INFINITO E ALÉM: NA CRISTA DA ÚLTIMA ONDA .....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>44</b>
ANEXO A – Uma profissão estagnada.....	45
ANEXO B – Escolha de poucos .....	47
ANEXO C – O Brasil não pode perder bons professores.....	48
ANEXO D – Motivos para não abandonar a carreira.....	49
ANEXO E – Aprendi com as colegas .....	50
ANEXO F – Novo perfil do professor.....	51
ANEXO G – Ideias que jogam contra o ensino .....	55
ANEXO H – Será que existe professor (a) ideal?.....	58
ANEXO I – Caminhos que levam a um aprendizado melhor.....	59
ANEXO J – Buscar os melhores .....	61
ANEXO K – E agora, Telma? .....	62
ANEXO L – Neury responde .....	64
ANEXO M – Entrevista Myriam Nemirivky.....	66

## 1 INTRODUÇÃO

### Inquietudes

Nessa pesquisa pretendendo suspender a ideia linear, portanto me aproximo da imagem de uma onda, pois “a onda se contrapõe às noções estáticas de essência: ela não ‘é’ onda, mas afirmação de movimento e de devir” (HILLESHEIM, BERNARDES, MEDEIROS, 2009, p. 217). Partindo disso, “é a onda que vem ao sujeito e não o sujeito que vai até a onda, pois quando pegamos uma onda seguimos o movimento dela e não o contrário” (Ibidem, p. 217). Perturbação. Energia. Turbulência. Vida.

Como começa?  
 Cada coisa tem um jeito de começar.  
 Todo mundo sabe: as frases começam com palavras,  
 e as palavras, com letras. Muitas histórias começam com “Era uma vez”.  
 Na escola, tem o primeiro dia de aula e o primeiro dia de férias.  
 Todo começo de mês é dia 1º e os anos sempre começam em janeiro.  
 Será que o mundo começou num dia 1º de janeiro?  
 Cócegas, piada, palhaço de circo, e amigo engraçado:  
 tudo isso faz a risada começar!  
 O primeiro bocejo avisa que o sono está chegando,  
 mas também pode ser o começo de um monte de bocejos!  
 Certas coisas nem sempre começam sendo o que são:  
 o pintinho começa sendo ovo, o sapo, sendo girino,  
 e a borboleta, sendo lagarta.  
 E tem os começos que não aparecem:  
 a árvore começa embaixo da terra e  
 as nuvens encobrem o começo do céu.  
 Mas e o mar? Começa ou acaba na areia?  
 O vento também é um mistério: às vezes,  
 começa antes da chuva, e de vez em quando começa por nada.  
 É só vontade de ventar.  
 O que parece complicado quase sempre começa simples:  
 O quadro vai surgindo depois do primeiro traço.  
 A sinfonia, depois do primeiro acorde; a invenção, depois do sonho.  
 Tem muitas coisas que começam só por causa de uma vontade:

um segredo começa quando a gente não conta nada.  
Uma amizade quando a gente quer contar tudo.  
Para saber onde as coisas vão dar, só tem um jeito: COMEÇAR!  
(TAVANO, 2009).

Iniciar, ou melhor, escolher uma profissão é um momento importante e por vezes difícil, um momento de muita reflexão e busca de conhecimentos sobre a área de interesse. Ao finalizar o Ensino Fundamental tinha muitas dúvidas sobre iniciar ou não o Ensino Médio Curso Normal, visto que muitos aspectos mudariam no meu cotidiano, entre eles ter que sair da minha cidade, pequena e tranquila, para ir estudar na “cidade grande”. Porém, como diz a autora Tavano (2009) “Para saber onde as coisas vão dar, só tem um jeito: COMEÇAR!” Começar é uma ação. Cada começo tem um objetivo a ser alcançado e muito a ser aprendido ao longo do caminho. Feito isso, os primeiros dias foram difíceis, por não conhecer ninguém, e por isso muitos foram os desafios, entre eles fazer novas amizades. Porém minha vontade de “ser professora” era maior do que tudo.

Segundo o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2010, p. 614) professor é “aquele que ensina uma ciência, arte, técnica; mestre”. Além de ser mestre ele é um constante aprendiz, que ensina, mas também aprende, nas vivências e nas relações diárias com os outros e muitas vezes o significado ou função do professor pode ser visto de diferentes formas dependendo como se olha. No “Dicionário das ideias feitas em educação” que foi organizado pelos autores Aquino e Corazza (2011), encontrei a palavra professor compreendida como “para-choque social” (p. 115). Passo a entender o automóvel como representação da sociedade e o educador como o seu para-choque, que é a peça responsável por proteger o restante do carro contra colisões ou pequenas “encostadinhas”.

Pensando nisso, muitas questões pipocam na minha mente, entre elas destaco: Será que optar pela profissão docente, remete apenas ao gostar de crianças? Ou, é necessário ter o dom para ensinar? A escolha da profissão se mantém a mesma, que se tinha na infância? Levando em conta a ideia do professor como “para-choque social”, posso pensar que a responsabilidade é do professor quando ocorrem “acidentes” com alunos, como reprovação, evasão escolar, falta de interesse? Minha hipótese é que ser professor, vai muito, muito, além disso.

Faço coro com Zordan (2009) ao expressar que:

Nada se ensina; tudo se vive. Dizem que a vida ensina. Mas quem ensina, às vezes, esquece da vida. Porque vive para ensinar. Viver para ensinar é mais do que atuar como professor. É viver imerso em sua matéria. Ensinar não passa de um infinito de deglutir de matérias. Não há começo. No máximo estréias. De apresentações que se repetem e a cada vez variam (p. 55).

E são nestas estréias que o professor poderá estabelecer relações com os profissionais da educação, alunos, pais e funcionários que fazem parte do cotidiano da escola. Uma ação interessante, porque são nesses momentos que acontecem trocas de saberes, experiências que podem ter diversos significados, dependendo do contexto. Na Escola ou instituição de ensino, pode ser compreendida como uma relação que:

[...] está o meio e a condição imediata da experiência real. E não haveria qualquer relação sem esse meio ou ser comum e necessário que põe (topológica e temporalmente) em contato imediato e direto realidades diferenciais. [...] A alegria do diverso como catálise de modos ativos de experimentação, cujo gosto primeiro é o da eternidade que se produz no *acontecimento de cada encontro* (FUGANTI, 2009, p. 25-26, grifo nosso).

A ideia de encontro é importante para pensar a experiência e a aprendizagem, trata-se, no entanto de pensar a vida, pois para Deleuze (1998), “tudo é apenas encontro no universo, bom ou mau encontro” (p. 73). E são nesses encontros que podemos sair transformados, o que me faz lembrar um animal, o camaleão, que é uma espécie de lagarto que possui uma característica muito interessante, o mimetismo ou camuflagem. Dito de outra forma, o animal passa por um processo de transformação a cada encontro, ele possui a capacidade de mudar de cor ao perceber que corre perigo. Podemos pensar que o professor se assemelha a um camaleão ao perceber que cada experiência é única e pode nos transformar.

Para Corazza (2005) o “ser educador não é acumular, guardar, conservar, usar, mas também abandonar, largar, gastar e, neste gasto, readquirir, retomar, para poder se revitalizar.” (p. 13) Portanto questiono: Como se constitui o ser professor na contemporaneidade? Minha hipótese é de que o ser professor é criar encontros, que podem ser bons ou ruins, de ensinamentos, de aprendizagens, não sei bem ao certo, porém sei que nestes encontros ele pode transformar, abandonar, largar e esfiapar as verdades, que fizeram com que ele acreditasse que fossem absolutas e nestes movimentos readquirir e retomar desejos, afetos e novos caminhos.

Quem ensina apaixonadamente gosta de transvalorar. Criar valores, operar com a loucura dos sentidos. De outro modo, não estaria submisso ao baixo valor mercantil do magistério. Nem se submeteria a regras que em nada dizem respeito ao amor fatídico do ensino. Quem quer ensinar esquece. E vive. A matéria, as palavras, os livros. Ensinar é uma arte. Mestre é quem faz algo pelos outros, por amor, com paixão por aquilo. O professor que realmente ensina o faz porque aprendeu a mostrar a coisa de um modo tal que todos que dela provam a aprendem. Quem não quer ensinar não ama. A coisa e os outros que a desejam. Porque quem ensina sabe que a coisa tem outro sabor quando dividida. Partir, abrir, devir, sozinho não tem a menor graça. Ensinar é buscar companhia para paixões. Quem ensinou algo sempre estará naquilo que quem aprende leva. Isso basta (ZORDAN, 2009, p. 57).

“Partir, abrir, devir, sozinho não tem a menor graça. Ensinar é buscar companhia para paixões” (ZORDAN, 2009, p. 57). Essas frases me fizeram refletir, porque acredito que o professor necessita de parceiros em sala de aula. Recordo de uma professora que tive no Ensino Fundamental, a qual lembro com muito carinho porque ela era “diferente”, não sei muito bem explicar quais eram suas diferenças, porém sentia alegria em estar na sua companhia. Ela não tinha alunos, tinha parceiros que embarcavam em suas aventuras de aprendizagem e a cada nova descoberta ela demonstrava muita alegria, pois estava aprendendo junto e isso a alegrava profundamente. Se me pedissem para descrevê-la seria desta forma:

Era uma professora muito maluquinha  
 Na nossa imaginação ela entrava voando na sala (como um anjo) e tinha estrelas no lugar do olhar.  
 Tinha voz e jeito de sereia e vento o tempo todo nos cabelos (na nossa imaginação)  
 Seu riso era solto como um passarinho  
 Ela era uma professora inimaginável.  
 Para os meninos ela era uma artista de cinema.  
 Para as meninas, a Fada Madrinha (ZIRALDO, 1995, p.5-13).

Ao recordar deste tempo senti um arrepio da cabeça até o dedinho do pé e me deu saudades, saudades daquele tempo em que aprender era uma diversão, mesmo em uma época em que a maioria dos professores consideravam-se detentores de todo e qualquer saber. E pergunto: ainda há professores que se acham detentores de toda sabedoria? Pode ser que sim, pode ser que não, porém concordo com as palavras de Tom Jobim (1977) quando diz que “É impossível ser feliz sozinho”. Acredito que a aprendizagem e a vida valem a pena quando são compartilhadas e o professor quando se expõe como um constante aprendiz.

## 2 CRIAÇÕES DE UM DESASSOSSEGO

Nessa pesquisa pretendendo suspender a ideia linear, portanto me aproximo da imagem de uma onda, pois “a onda se contrapõe às noções estáticas de essência: ela não ‘é’ onda, mas afirmação de movimento e de devir” (HILLESHEIM, BERNARDES, MEDEIROS, 2009, p. 217). Partindo disso, “é a onda que vem ao sujeito e não o sujeito que vai até a onda, pois quando pegamos uma onda seguimos o movimento dela e não o contrário” (Ibidem, p. 217). Perturbação. Energia. Turbulência. Vida.

E é partindo destas ondas de reflexões e questionamentos que interessa-me pensar de que modo a docência é narrada na Revista Nova Escola, no período de 2010 a 2014. A partir dessas leituras e posterior análise, terei algumas pistas para pensar em como está sendo constituído o discurso sobre a docência na contemporaneidade.

Como proposta metodológica, realizei um recorte temporal da revista, totalizando aproximadamente quarenta exemplares referentes aos anos de 2010 a 2014. Cada revista foi lida e analisada individualmente. Neste processo retirei matérias e reportagens, as quais apresentavam enunciados sobre a docência que de certa forma chamaram minha atenção. Esta busca foi importante para a minha pesquisa, pois a cada novo exemplar lido e analisado minha ansiedade e alegria aumentavam por encontrar um material de análise interessante. Dos enunciados retirados, classifiquei categorias, que são elas: bom professor, (des)valorização da carreira, especialistas e trabalho em equipe.



Posteriormente escolhi artigos e textos que tratassem sobre a prática discursiva, entre eles encontrei o autor Michel Foucault (2002) onde ele afirma que o discurso é “um conjunto de saberes e práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (p. 56). Desta forma, o discurso cria significados, além disso, é cheio de intenções, conteúdos e representações, que não estão escondidos nas entrelinhas, como afirma Fischer (2001).

[...] é preciso ficar (ou tentar ficar) simplesmente no nível de existência das palavras, das coisas ditas. Isso significa que é preciso trabalhar arduamente com o próprio discurso, deixando-o aparecer na complexidade que lhe é peculiar. E a primeira tarefa para chegar a isso é tentar desprender-se de um longo e eficaz aprendizado que ainda nos faz olhar os discursos apenas como um conjunto de signos, como significados que se referem a determinados conteúdos, carregando tal ou qual significado, quase sempre oculto, dissimulado, distorcido, intencionalmente deturpado, cheio de “reais” intenções, conteúdos e representações, escondidos nos e pelos textos, não imediatamente visíveis. É como se no interior de cada discurso, ou num tempo anterior a ele, se pudesse encontrar, intocada, a verdade, desperta então pelo estudioso (FISCHER, 2001, p. 198).

Também quando iniciei as escritas do trabalho, a minha intenção inicialmente era utilizar a cartografia como metodologia, que de certa forma, registraria o processo de pesquisa, os imprevistos, os inusitados, sem a pretensão de revelar a verdade sobre aquilo que pesquiso. Um encontro com algum colega, um filme, uma palestra, uma conversa, um seminário, uma reunião pedagógica, uma música, uma imagem (BOCCO, 2009). Porém, após pesquisar e aprofundar as leituras sobre a análise do discurso pensando na Revista Nova Escola como *corpus* de análise, compreendi que a cartografia não teria sentido em minha pesquisa. Entretanto, desafio-me a utilizar a cartografia futuramente, em outro estudo ou pesquisa, porque penso que utilizá-la me permitirá como cartógrafa, ter a liberdade de criação.

Desta forma, utilizo em minha pesquisa a análise do discurso porque como diz Fischer (2001) “há enunciados e relações, que o próprio discurso põe em funcionamento. Analisar o discurso seria dar conta exatamente disso: de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão “vivas” nos discursos” (p.199). Portanto, Deleuze (1991) aponta que:

Estamos, então, capacitados a extrair – das palavras, frases e proposições – os enunciados, que não se confundem com elas. Os enunciados não são as palavras, frases ou proposições, mas formações que apenas se destacam de seus *corpus* quando os sujeitos da frase, os objetos da proposição, os significados das palavras *mudam de natureza*, tomando

lugar no “diz-se”, distribuindo-se, dispersando-se, na espessura da linguagem (p. 29).

Para conhecer o *corpus* da pesquisa, acredito que seja necessário trazer alguns aspectos que a compõe, tais como: uma pincelada de sua história, o objetivo de seu fundador, sua organização e alguns fatores gerais os quais me chamaram atenção.

A Revista Nova Escola é editada em São Paulo e distribuída mensalmente, exceto nos meses de janeiro e julho, totalizando 10 exemplares por ano. Foi fundada em março de 1986 pela Fundação Victor Civita<sup>2</sup>, uma entidade sem fins lucrativos criada em setembro de 1985 tendo como principal objetivo “contribuir para a melhoria da qualidade da Educação Básica, produzindo publicações, sites, materiais pedagógicos, pesquisas e projetos que auxiliem na capacitação dos professores, gestores e demais responsáveis pelo processo educacional” (REVISTA NOVA ESCOLA, nº265, 2013). A revista é organizada por seções entre elas: “Educação em debate; Em dia; E agora, Telma?; Fala mestre!; Auto retrato e Sala de aula.” O periódico chama atenção já pela capa, que em todos os exemplares observados possuem muitas cores e diversas frases convidando o leitor a conhecer suas matérias e reportagens. Ao folhar suas páginas percebi diversas publicidades sobre livros didáticos, editoras, marcas de roupa infantil, enfim, propagandas que fazem lembrar crianças na condição de aluno. Além disso, sua trama discursiva é constituída por diversos enunciados referentes ao professor e para o professor, respondendo questionamentos, trazendo assuntos e fatos importantes ocorridos, principalmente, em escolas brasileiras, além de curiosidades e sugestões de atividades das áreas do conhecimento.

Após esta breve explicação sobre o objeto de análise da pesquisa, convido o leitor a mergulhar nas ondas da pesquisa. Na primeira onda intitulada “*Era uma vez...uma história*”, trago alguns aspectos da história da educação centrada na Pedagogia. Já na segunda onda “*Modernidade sólida e Modernidade líquida: alinhavos do tempo*” busco pensar a escola, a educação e o professor neste alinhavo de tempo entre a Modernidade Líquida e a Modernidade Sólida a partir dos estudos de Bauman (1999). “*Identidade e diferença: em jogo o professor*”, uma onda repleta

---

<sup>2</sup> Informações extraídas do site da Revista Nova Escola –Disponível em: <<http://www.revistaescola.abril.com.br/>>. Acesso em: 10 set. 2014.

de desafios que convida o leitor a pensar a prática docente no mundo considerado líquido tomado pelas incertezas, embora o professor habite um espaço que clama por modelos. Nessa direção procuro discutir a identidade/modelo de professor, ensaiando um exercício de desconstrução do padrão de professor ideal. E por fim, trago a análise da revista Nova Escola estabelecendo conexões com o restante da pesquisa.

### 3 ERA UMA VEZ... UMA HISTÓRIA

História, de acordo com Borges (1986), é uma palavra originária da Grécia, que tem como significado investigação e informação. O seu surgimento é por volta do século VI antes de Cristo. A história como conhecemos e entendemos atualmente, iniciou-se nas regiões do Oriente Próximo, da costa norte-africana e da Europa Ocidental. Entretanto, muitos antes disso, vemos que os homens tinham a grande necessidade de explicar sua origem e de sua existência.

Dizem por aí que a Educação passou por diversas mudanças ao longo da história. A partir disso, percebemos o quanto a atualidade foi afetada por essa história, desde os prédios das escolas, a hierarquia encontrada na maioria das instituições de ensino, os métodos de ensino e de aprendizagem, assim como os indivíduos que deste espaço fazem parte. Mas muitas dúvidas vão e voltam em meus pensamentos em relação a mudanças na educação. Quais as mudanças que ocorreram na educação? A escola está diferente? Sua organização pedagógica (leia-se metodologias, currículo, verdades que circulam acerca do bom professor) sofreram transformações?

Corazza (2005) afirma que:

Desde o século XVII, com a Didática Magna de Comenius; com a descoberta da infância, pelo Emilio de Rousseau; com a institucionalização da educação, pela invenção da escola, a Pedagogia e o currículo vêm, histórica e politicamente, se constituindo. Em função disso *somos filhos e seguidores de uma longa tradição*, bem mais antiga do que nós. Uma tradição de educar as novas gerações; ensinar-lhes conhecimentos; governar suas atitudes, hábitos, sentimentos; discipliná-las, para que vivam e sobrevivam, relativamente bem, no tempo e espaço que lhes tocou viver (p. 11) (grifo nosso).

A autora diz “somos filhos e seguidores de uma longa tradição”, muitas vezes não damos o valor necessário. Trago a importância de conhecer essa tradição, ou seja, essa história que de certa forma constituiu a educação que temos hoje. Pensando nisso, algumas perguntas saltitam na minha mente, tais como: quantos professores conhecem a história da educação? É importante saber sobre nossa<sup>3</sup> história? Como se constitui? Que efeitos essa história, feita pela tradição, tem nas práticas pedagógicas contemporâneas?

A Modernidade foi uma época de muitas transformações que marcaram fortemente nossa história. Destaco algumas características importantes desta época, entre elas: o sujeito que busca o progresso, através da ciência, passando a ter uma nova noção de ser humano, “como objeto e sujeito de estudo. O homem torna-se, então, o objeto de conhecimento do próprio homem” (MUNHOZ, 2006, p. 102).

Deus não é mais visto como centro de tudo, rompendo dessa forma “dogmas impostos pela Religião, especialmente católica” (OLEGÁRIO, 2006, p. 7). Desta forma, o homem passa a ter necessidade da busca “pela” verdade, “em construir discursos “verdadeiros” sobre (MUNHOZ, 2006, p. 102), substituindo o “mundo sagrado” (OLEGÁRIO 2006, p. 9), pelo “mundo da razão” (Ibidem, 2006, p. 9). Nas palavras de Schuk (2006) percebo que:

A modernidade trouxe a pretensão de uma razão absolutizadora, que deveria dar conta da totalidade do saber como tal. Isso influenciou profundamente a educação, delineando um quadro em que, inspirada no Iluminismo, acreditou-se que o melhor modelo seria aquele que privasse pela separação rígida entre sujeito e objeto, o que se transferiu para a relação professor e aluno. Ao primeiro, caberia a tarefa, enquanto sujeito, de iluminar o segundo, que, na sua condição de não iluminado, necessitaria das “luzes” para chegar aos conhecimentos (p. 62).

Para pensar sobre a constituição da história da educação, me remeto a alguns aspectos da Modernidade, a fim de relacioná-la com a pedagogia, que surge no século XVI na Europa. Compreendo a pedagogia como práticas de saberes, Munhoz e Costa (2013) afirmam que “esses saberes, por sua vez, foram constituindo determinadas práticas, as quais passamos a chamar pedagógicas”. (p. 11) Conforme Noguera-Ramírez (2011) podemos distinguir a pedagogia por “três momentos ou formas de ser dos discursos e das práticas pedagógicas”:

---

<sup>3</sup>Quando utilizo o pronome possessivo “nossa”, penso que a história da educação é, e pertence a todas as pessoas.

O primeiro, localizado entre os séculos XVII e XVIII, poderia ser denominado “o momento de instrução” ou “momento do ensino”, generalizado pela estrita relação estabelecida entre práticas de ensino, práticas de “polícia” e processo de constituição da “razão do Estado” (FOUCAULT, 2008 a); o segundo momento, iniciado no fim do século XVIII, seria denominado o momento da educação liberal”, devido ao aparecimento do novo conceito de educação e sua estreita ligação com a problemática da liberdade e da natureza humana, tal como foi formulada nos discursos do Iluminismo. Por último, desde o fim do século XIX, a emergência do conceito de “aprendizagem” marcaria a passagem da educação liberal para aquilo que se chamaria posteriormente a “sociedade da aprendizagem”, “sociedade aprendente” ou “sociedade educativa” (p. 21).

Estes momentos são diferenciados pela forma e pela importância dada a cada época. Desta forma “a Pedagogia Moderna foi historicamente se constituindo” (MUNHOZ; COSTA, 2013, p. 10), sofrendo influência do positivismo, idealismo e espiritualismo, além de utilizar as ideias de importantes pedagogos desta época, tais como Comenius, Kant, Locke e Rousseau. Talvez Comenius seja “o principal teórico de um modelo de escola que deveria ensinar tudo a todos” (NOVA ESCOLA, 2008, p. 33). Já Kant faz uma reflexão filosófica dizendo que “todo o interesse de minha razão (tanto especulativo quanto o prático) concentra-se nas três seguintes perguntas: 1. Que posso saber? 2. O que devo fazer? 3. Que me é dado esperar?”(KANT, 1988, p. 833). Locke acreditava que o aprendizado ocorria de “fora para dentro”, através das vivências e informações que o indivíduo era submetido (NOVA ESCOLA, 2008, p. 35) e, Emilio de Rousseau “a liberdade como valor supremo” (NOVA ESCOLA, 2008, p. 38). Através de seus pensamentos e estudos centralizaram a Pedagogia como um espaço de “reconstrução orgânica da vida social” (CAMBI apud MUNHOZ; COSTA, 2013).

Veiga-Neto (2004), afirma que “a vida moderna, o pensamento moderno, a condição moderna [...] não seriam possíveis sem que [...] a Idade Média tivesse sido deixada para trás” (p. 13). Além disso, nada seria possível “se alguns homens, mobilizados pela crise do mundo medieval” (p. 13) procurando compreender o mundo novo, aprendendo a viver e sobreviver, “não tivessem ido buscar na Antiguidade certos mitos, valores, ideais e maneiras de pensar [...] novos saberes e novas formas de vida social” (p. 14).

Para compreender a instituição moderna, seu funcionamento e os papéis dos sujeitos que dela fazem parte, utilizo as palavras de Rubem Alves (2001):

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo.

Assim se caracterizam as escolas modernas disciplinares, como gaiolas e tendo como dispositivo o panóptico “que permite um poder de espírito sobre espírito” (MAIA, 1998, p. 133). Para melhor compreender a ideia de panóptico, tomo emprestadas as palavras de Foucault (2009):

O Panóptico de Bentham é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre: esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse à cela lado a lado. [...] O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente (p. 190).

Neste espaço descrito acima, os alunos entram na escola para serem disciplinados e vigiados. Os conteúdos, por sua vez, estão pré-estabelecidos e são transmitidos para todos. A escola como maquinaria de preparação e formação de sujeitos passa a engendrar estratégias para a produção de “corpos dóceis”<sup>4</sup> (FOUCAULT, 2009) através da maquinaria do poder.

Trago o estudo de Corazza (2005), o qual remete aos três tempos da educação em “termos do saber e do fazer pedagógico e curricular” (p. 13), são eles: a Neutralidade Iluminada, a Suspeita Absoluta e o Desafio da Diferença Pura. No tempo da Neutralidade Iluminada, a autora ressalta o nascimento da Pedagogia, tempo em que os educadores eram “pastores de almas, corpos, atitudes, caráter, inteligência, sexualidade, moral” (p. 13).

Saídos da hegemonia religiosa e introduzidos na hegemonia da Filosofia e da Ciência, esses educadores da Neutralidade só trocaram de senhor. Continuaram sendo neutros e iluminados, pois a Ciência, em especial, lhes fornecia toda a segurança de estarem educando para os retos caminhos do

---

<sup>4</sup> O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica sim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis” (FOUCAULT, 2009, p. 133).

Bem, da Verdade e da Vida. [...] Os educadores eram ainda simples mediadores, neutros transmissores, iluminados orientadores de almas e corpos, sim, porém científicos (p.14).

O segundo tempo da educação, Corraza (2005) traz a Suspeita Absoluta que tem como “orientações, as liberais, a serviço das melhorias do capitalismo, e as marxistas, que se opunham tanto as formulações da Neutralidade Iluminada quanto às da Suspeita Absoluta de origem capitalista liberal.” (Ibidem, p. 15) Os educadores tinham como principal função “transmitir novos saberes, comportamentos, modos de ser. Ações que podem ser atreladas ao ato de controlar, moldar, humilhar, excluir, reproduzir privilégios e muito sofrimento” (Ibidem, p. 16).

Na Suspeita Absoluta se educava utilizando dispositivos de poder e para “criar” alunos iguais, controlados, era necessário excluir os que não se encaixavam ao modelo. No terceiro tempo da educação, chamado Desafio da Diferença Pura, indicam “concepções e práticas atestam a existência dos diferentes, que povoam nossas casas e ruas, salas de aula e pátios de recreio, dias e noites” (CORAZZA, 2005, p. 17-18).

Tempo em que as concepções educacionais até então predominantes, como as de poder, sensibilidade, linguagem, utopia, realidade, não deixam de ter importância e, inclusive, de funcionarem na sociedade e em nós; mas no qual – e este é o diagnóstico – não dão mais conta deste outro mundo e de seu tempo, bem como das experiências que neles vivemos. Embora todas elas convivam entre si, circulem de uma à outra (CORAZZA, 2005, p. 19).

Ao pensarmos nestes três tempos da educação, temos que ter claro que nenhum deles teve um início, um meio e um fim. Mas sim, eles se entrelaçam em forma de rizoma.

Diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza. [...] Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 32).

Não podemos pensar em um tempo sem remeter-se aos outros, pois eles estão ligados por ramificações. Khouri (s/a) aponta que “a multiplicidade surge como linhas independentes que representam dimensões, territórios do real, modos inventados e reinventados de se construir realidades” (p. 2).



Portanto pensar o ser professor e sua identidade é remeter-se a estes tempos, desta forma trago para a pesquisa umas das categorias analisadas na Revista Nova Escola, que têm como enunciado a (Des)Valorização do professor. A partir deste enunciado busco refletir como os discursos tramados na Revista discursam em relação a (des)valorização do professor e de sua profissão está vinculado ao processo histórico, que pode ser pensado a partir da fala de Albuquerque Junior (2010):

Nesta anunciada crise da instituição escolar, um tema que se debate, cada vez com mais vigor, é o lugar do professor. Como fica o professor nesta realidade escolar que parece se tornar cada vez mais hostil às suas pretensões de ensinar, de ser o sujeito da formação dos alunos? Atravessada e sitiada por mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais diversas, a escola e com ela profissão docente, tal como foi definida na modernidade, parece estar em processo de se inviabilizar, ou, no mínimo, de perder a importância e a centralidade social que já teve. O desprestígio social do professor, da profissão docente, talvez tenha sido um dos primeiros indícios de que a instituição escolar já não gozava da irrestrita legitimidade social que ainda se acreditava possuir. Este desprestígio social do professor não se materializa, apenas, na redução progressiva de sua remuneração, em todos os níveis de ensino, mas no próprio desprestígio da profissão na perda de status, de valor simbólico da profissão na vida social (p. 2).

Diariamente, vejo nas redes sociais e acompanho nos meios de comunicação o discursoda desvalorização acerca da profissão docente, levando em conta a procura por “bons professores” para atuarem nas instituições de ensino. Entre estes meios de comunicação estão às revistas, neste caso, a Revista Nova Escola. Dos exemplares que analisei, obtive um número expressivo de reportagens sobre este assunto, trazendo estudos e pesquisas que expliquem de alguma forma o porquê desta (des)valorização.

Entre os textos encontrados selecionei três reportagens, a primeira intitulada “Uma profissão estagnada” (REVISTA NOVA ESCOLA, nº 247, 2011) (ANEXO A), aponta a importância de valorizar a carreira docente através de planos de carreira estruturados, resultando na atração de mais profissionais jovens para a docência. Além disso, oferecer oportunidades como: bolsas de estudos, formação continuada e pensar na política de remuneração e capacitação dos docentes em nível nacional.

A partir destes apontamentos feitos pela Revista, pensar à docência nos remete às mazelas em relação ao professor e a educação. Responsabilizando, de certa forma, o governo como aquele que possui o poder para melhorar a educação,

portanto, será que as ações propostas pelo governo tais como: bolsas de estudo, formação continuada, recuperar os déficits dos salários nas esferas nacional, estadual e municipal, são as únicas maneiras para melhorar a educação em nosso país?

O segundo texto analisado que tem como título “Escolha de poucos” (REVISTA NOVA ESCOLA, nº 229, 2010) (ANEXO B), apresenta um estudo realizado em relação à baixa procura dos alunos concluintes do Ensino Médio por cursos de graduação em licenciatura, explicando que “apesar de reconhecerem a importância do professor, os jovens pesquisados afirmam que a profissão é desvalorizada socialmente, mal remunerada e com rotina desgastante”. E a terceira reportagem que tem como manchete a seguinte afirmação “O Brasil não pode mais perder bons professores” (REVISTA NOVA ESCOLA, nº 267, 2013) (ANEXO C), expõe fatores pelo grande número de exoneração de professores da rede pública, que são eles: “baixos salários, problemas físicos e psicológicos, infraestrutura escolar precária, violência no ambiente de trabalho, pressão e cobrança por resultados, sentimento de desvalorização da profissão pela sociedade e falta de apoio das famílias dos alunos”.

De que forma podemos pensar a valorização dos professores? Melhores salários? Estruturas adequadas nas instituições escolares? Planos de carreiras adequados? Alunos disciplinados? Dúvidas, indagações, questões difíceis de serem respondidas, entretanto podem ser pensadas e refletidas com o auxílio dos estudos de Albuquerque Júnior (2010), em que melhorar os salários dos docentes “não é garantia de professores mais engajados na vida escolar, mais motivados, mais criativos, menos dóceis em relação à cultura escolar” (p. 12). Ter o melhores equipamentos e uma boa biblioteca também não são garantias de uma educação melhor. E neste sentido, o que é uma educação melhor?

Os professores esperam ter melhores salários para melhorarem como professores e sendo ruins legitimam que os salários sejam baixos. Os alunos são ruins porque os professores e a escola são ruins e assim justifica que assim continuem, já que tanto os professores quanto a administração da escola terá um álibi para continuarem ruins, já que os alunos seriam também, a culpa seria, portanto, deles. Este jogo de empurra demonstra a falência da instituição escolar e a necessidade de que pensemos outras formas de educar, outras formas de ensinar, outras formas de sermos professores e alunos, talvez livres da escolarização,

desta instituição moderna em vias de desaparecimento (Ibidem, 2010, p. 13).

Pensar em uma instituição diferente livre da escolarização e destas formas tradicionais de ensinar e educar os alunos é, para muitos profissionais da educação impossível, por esse motivo diversos professores pensam em abandonar a carreira. Portanto, trago a reportagem que tem como título “Motivos para não abandonar a carreira” (REVISTA NOVA ESCOLA, nº252, 2012) (ANEXO D), que foi escrita por Luiz Carlos Menezes<sup>5</sup>. Neste texto, o professor conta a história de um docente que estava disposto a mudar de profissão.

Desanimado, ele se queixava da carreira, mal estruturada e mal remunerada, da dificuldade de tratar com estudantes inquietos e famílias ausentes e da falta de políticas para apoiar seu trabalho. Cada uma das razões tem fundamento e, quando se somam, parecem justificar o desânimo de quem trabalha demais, ganha menos e ainda leva à culpa por insucessos causados por razões estruturais (Ibidem, p. 106).

Utilizando estes argumentos, Luiz Carlos Menezes esclarece os motivos para não abandonar a profissão, entre eles pensar em novas maneiras de ensinar, acompanhando este mundo de transformações que exigem pessoas autônomas tornando o trabalho do docente mais criativo e estimulante. Pensar nos profissionais da educação como “protagonistas da reinvenção da escola” (Ibidem, p. 106), além dos professores contarem com o apoio de “programas governamentais que facilitam o acesso à formação superior e as especializações” (Ibidem, p. 106).

Em diversos momentos da análise, percebi certa contradição e incoerência nos discursos da Revista Nova Escola, ao mesmo tempo em que dizem que a profissão docente está sendo desvalorizada por diversos fatores, elenca os motivos para que os professores não desistam da tarefa de educar. Fischer (2005) explica que “não é a realidade que constitui os discursos e sim os discursos que ajudam a construir a realidade” (p. 247), e são nestas incoerências que a revista reproduz discursos e enunciados em relação ao ser professor, suas práticas e as instituições educacionais.

Pensando nestes discursos, Bauman (1999) afirma que mesmo estando muito próximos da era moderna e sentindo todos os resultados da agitação que este tempo causou “podemos agora [...] ter uma visão fria e crítica da modernidade na

---

<sup>5</sup> Físico e educador da Universidade de São Paulo (USP). Na Revista Nova Escola, escreve para a sessão “Pense nisso” realizando reflexões sobre os mais diversos assuntos da educação.

sua totalidade, avaliar seu empenho, julgar sua solidez e congruência da sua construção” (p. 288). O autor complementa:

A pós-modernidade não significa necessariamente o fim, o descrédito ou a rejeição da modernidade. Não é mais (nem menos) que a mente moderna a examinar-se longa, atenta e sobriamente, a examinar sua condição e suas obras passadas, sem gostar muito do que vê percebendo a necessidade de mudança. A pós-modernidade é a modernidade que atinge a maioridade, a modernidade olhando-se a distância e não de dentro, fazendo um inventário completo de ganhos e perdas, psicanalizando-se, descobrindo as intenções que jamais explicara, descobrindo que elas são mutuamente incongruentes e se cancelam. A pós-modernidade é a modernidade chegando a um acordo com a sua própria impossibilidade, uma modernidade que se automonitora, que conscientemente descarta o que outrora fazia inconscientemente (BAUMAN, 1999, p. 288).

Falar de pós-modernidade é falar ao mesmo tempo de mudanças e transformações que ocorreram ao longo do tempo. Essas transformações estão intrinsecamente ligadas a Modernidade, o que torna impossível pensar a pós-modernidade sem antes remeter-se a era Moderna. Vale destacar que não há um tempo puro, um novo tempo, talvez seja interessante pensar na mistura temporal e na ênfase dada a cada época que constitui outros modos de pensar o professor, à escola e conseqüentemente à vida.

## 4 MODERNIDADE SÓLIDA E MODERNIDADE LÍQUIDA: ALINHAVOS DO TEMPO

*Dou respeito às coisas desimportantes  
E aos seres desimportantes.  
Prezo insetos mais que aviões.  
Prezo a velocidade das tartarugas  
Mais que a dos mísseis.  
Tenho em mim esse atraso de nascença.  
Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos.  
Tenho abundância de ser feliz por isso  
Meu quintal é maior do que o mundo.  
Sou um apanhador de desperdícios:  
Amo os restos como as boas moscas.  
Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.  
Porque eu não sou da informática;  
Eu sou da invencionática.  
Só uso a palavra para compor meus silêncios  
(BARROS, 2008, p. 45).*

Vivemos em uma época em que “tudo” é descartável e desperdiçado, a palavra chave é consumismo, e, tudo que não serve mais, vai para o lixo. Esse tempo é denominado por Bauman (2001) de “modernidade líquida”, tempo de consumir, comprar, e aqueles que não possuem recursos para acessar o frenético movimento consumista são “excluídos”. De acordo com Dicionário a palavra, excluir significa “1. Ser incompatível com; 2. Eliminar; 3. Pôr fora, expulsar; 4. Retirar, eliminar; 5. Isentar-se” (FERREIRA, 2010, p.386). Vivemos em um mundo que exclui pessoas da mesma forma que elimina objetos que não desejamos mais, roupas que não estão mais “na moda”.

Veiga-Neto e Saraiva (2009) explicam que, segundo os estudos de Bauman (2001), estamos passando da Modernidade Sólida para a Modernidade Líquida. Na Modernidade Sólida, tudo era permanente, dava-se mais importância à produção, a

equipe, ao tempo cronológico e linear, pensava-se muito no futuro. Aos poucos fomos deixando de ser uma sociedade de produtores e passamos a ser uma sociedade de consumidores.

Assim, a sociedade de consumidores, em que se desenvolve o capitalismo cognitivo, é uma sociedade do acontecimento. Nela, o longo prazo já não parece fazer sentido. Vive-se no curto prazo, numa cultura do instantâneo. Na sociedade dos produtores, o principal propósito para aquisição de bens [...] era guardá-los. Durabilidade e solidez era a qualidade desejável para esses bens (VEIGA-NETO; SARAIVA, 2009, p. 193).

Bauman (2005) enfatiza que aqueles indivíduos que não conseguiram e que não conseguem se inserir no processo de globalização são classificados como “refugo humano”. Dentro disso, afirma que o mundo globalizado preconiza por uma política de exclusão, de retirada de refugo, constituindo-se como a parte inútil, imprestável, que deve ser retirada de circulação.

Um exemplo muito interessante desse processo de exclusão que ocorre em tempos de liquidez é a história dos moradores da Ilha Grande dos Marinheiros. Partindo dos estudos de Bauman (2005), os moradores da Ilha Grande são considerados “refugo humano”, pois são pessoas excluídas da sociedade de consumo, que “fugiram” da globalização e encontraram naquele espaço, o lugar para fazer a reciclagem dos resíduos que catavam e para criarem seus porcos, sendo essas suas principais fontes de rendas.

A Ilha Grande dos Marinheiros é umas das 26 ilhas integrantes do Parque Estadual Delta do Jacuí, na região metropolitana de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul [...] Nesta ilha verifica-se o predomínio de ocupações irregulares habitadas por desempregados e subempregados que trabalham na triagem de resíduos sólidos. [...] São aproximadamente duas mil pessoas, totalizando cerca de 600 famílias moradoras (SILVA, 2006, p. 28).

Um grupo de pessoas e algumas instituições percebendo as grandes dificuldades dos moradores da Ilha, decidiram iniciar um projeto intitulado “Coletivos de Trabalho”, tendo como principal objetivo melhorar à vida dos moradores da Ilha, através de cursos de capacitação e da organização de atividades econômicas. Além dos moradores conviverem diariamente com o lixo através da seleção de resíduos, eles viviam da criação de porcos que fazia com que o problema ambiental da Ilha Grande dos Marinheiros se tornasse cada vez mais preocupantes. O público do projeto na maioria analfabetos excluídos do mercado formal de trabalho, cada qual com sua história de vida e, muitas vezes de sofrimento, tinham muita esperança em

construir uma imagem melhor da Ilha. Com a ajuda de um professor especialista em projetos sociais, dividiram os moradores em grupos com o objetivo de relatarem um pouco da história daquele lugar e das pessoas que lá viviam. O projeto não teve o objetivo de resolver os problemas existentes naquela Ilha e sim tentar ajudar a melhorar à vida dos moradores, consequentemente auxiliá-los através de cursos de capacitação a cuidar e preservar o local onde moram, traçando estratégias para que a reciclagem de resíduos viva em harmonia com os moradores e com a própria Ilha Grande dos Marinheiros. Veiga-Neto e Saraiva (2009) explicam que:

Na Modernidade sólida, o futuro era visto como administrável. A administração, no âmbito tanto público quanto privado, consistia num conjunto de técnicas seguras, bem desenhadas e com embasamento científico, que deviam ser aplicadas de modo a construir um futuro sob medida em função das expectativas. Na Modernidade líquida, já não se acredita ser possível administrar o e para o futuro, isso é, prever e garantir, com segurança, o futuro. Agora, só parece se possível fazer a gestão dos processos em um ambiente de incerteza (p. 194).

Logo, pensando neste ambiente de incertezas, questiono: como pensar o professor, à escola e a educação dentro deste líquido mundo? De que modo pensar à escola como um território do devir<sup>6</sup>?

Posso pensar em muitas hipóteses ou até mesmo em respostas para essas questões, entretanto, Albuquerque Junior (2010) afirma que temos que questionar e problematizar à escola, a educação e até mesmo a formação e identidade dos profissionais docentes. Não procurar certezas e da mesma forma não pensar na escola como salvação ou como um espaço para formar e modelar subjetividades, mas sim como um local que “problematiza as verdades que constituem nossa realidade” (Ibidem, 2010, p. 11). A realidade atual é globalizada que, como explicam Veiga-Neto e Saraiva (2009) é “um fenômeno tipicamente contemporâneo, ao mesmo tempo em que enfraquece as fronteiras físicas, multiplica os bloqueios” (p. 190).

E é neste mundo líquido que ser docente implica perceber as diversas nuances que perpassam em diferentes realidades, como nos mostra o documentário

---

<sup>6</sup> Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja de justiça ou de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chegue ou ao qual se deve chegar. Tampouco dois termos que se trocam. A questão ‘o que você está se tornando?’ é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se torna, o que ele se torna muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, de núpcias entre dois reinos (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 10).

“Para o dia nascer feliz” (2006), dirigido por João Jardim. Este longa metragem mostra a realidade educacional brasileira através de depoimentos de alunos e professores. E neste repertório, é muito interessante perceber como o Brasil é um país múltiplo em raças, dialetos, classes sociais e em realidades educacionais. Acredito ser muito importante trazer estas realidades para minha pesquisa, pois percebo o quanto esse emaranhado de linhas da Modernidade Sólida para a Modernidade Líquida vem “transformando” a escola e seus sujeitos.

O vídeo apresenta uma cidade do interior de Pernambuco, considerada uma das mais pobres do Brasil, com falta de banheiros nas escolas, falta de água e de merenda escolar, porém alunos apostam em seus sonhos. Outras duas realidades apresentadas foram escolas de São Paulo e do Rio de Janeiro, que mostraram as dificuldades dos professores em relação à estrutura do espaço escolar, falta de entusiasmo e alunos desmotivados:

*“Ser professor, tá envolvida mesmo com a profissão é uma carga física e mental muito grande. É mais que o ser humano pode aguentar, faço terapia, me envolvo muito com as histórias deles e muitas vezes não vejo retorno”.<sup>7</sup>*

*“O papel do professor é muito importante, mas a sociedade não vê isso... O professor perdeu a dignidade. O estado deixa tudo muito jogado. Tá todo mundo cansado de ouvir quais são os problemas da educação e ninguém faz nada”.<sup>8</sup>*

Ao mesmo tempo, o documentário mostra uma realidade escolar com alunos de classe econômica mais elevada. Esses alunos apontados no vídeo, relacionam suas vidas com uma bolha, que muitas vezes não é transparente. Entretanto, não conseguem ver a realidade que os cercam. A partir destes depoimentos questiono: De quem é a responsabilidade da educação? É do governo? Dos alunos? Dos professores?

Corazza (1999) explica que vivemos em um momento da “pós-didática, onde estamos insatisfeitos com o já-sabido, já-dito, já-feito, já-sentido da docência” (p. 2),

---

<sup>7</sup> Depoimento de uma professora de uma Escola Pública de São Paulo no Vídeo “Para o dia nascer feliz”.

<sup>8</sup> Depoimento de uma professora de uma Escola Pública de São Paulo no Vídeo “Para o dia nascer feliz”.



demonstrando de certa forma a insatisfação com verdades impostas, relações de poder. Hardt (2006) complementa que “precisamos do desassossego para então suspeitar de verdades estabelecidas [...] para produzir teias entre o teórico e o prático considerando a capacidade de cada sujeito-professor” (p. 4). Entretanto, muitas pessoas pensam à escola como uma salvação para a nossa sociedade atual,

[...] parecemos acreditar que a educação escolar resolveria os problemas sociais, os problemas políticos, os problemas de cunho moral e ético pelos quais passamos. [...] embora saibamos que a escola que temos não agrada a ninguém que está dentro dela, continuamos contraditoriamente achando que ela é a solução para os problemas de quem dela está excluído. Nunca nos perguntamos se esta forma de funcionamento da escola não é adequada a esta ordem social, produtora de hierarquias, de desigualdades, de exclusões, de segmentações que temos. Talvez o estado social em que nós vivemos tivesse dificuldade de se reproduzir se a escola fosse diferente do que é (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2010, p. 7).

Como se constitui uma escola diferente? Como podemos pensar em uma instituição diferente em uma sociedade produtora de hierarquias, de desigualdades, de exclusões? O trabalho em equipe seria uma possibilidade de pensar em uma escola que faça a diferença no processo de aprendizagem individual e coletivo?

Partindo destes questionamentos, analiso outra categoria de discurso da minha pesquisa é o enunciado “trabalho em equipe”. Para a Revista Nova Escola é importante o trabalho em equipe dos professores e para o “sucesso” da aprendizagem. Discurso esse que considero moderno, pois de acordo com os estudos da Modernidade sólida dava-se importância para a equipe, já na Modernidade Líquida tudo é pensado e realizado em redes.

Na reportagem “Aprendi com as colegas” (REVISTA NOVA ESCOLA, nº 247, 2011) (ANEXO E), afirma que: “uma das formas de ajudar o novo docente é valorizar a integração dele com os que estão há mais tempo na escola” (Ibidem, p. 90). Outra reportagem interessante e que trata deste assunto é “Novo perfil do professor” (REVISTA NOVA ESCOLA, nº 236, 2010) (ANEXO F). Este texto traz para o leitor a história de seis profissionais, cada qual com uma característica que incorporem o novo educador, são elas: ter boa formação, usar as novas tecnologias, atualizar-se das novas didáticas, trabalhar bem em equipe, planejar e avaliar sempre e ter atitude e postura profissionais. Neste caso, o que nos interessa é a característica de trabalhar bem em equipe. Este item traz a fala de uma professora que já atua há mais de dezessete anos como docente e pela sua experiência afirma que o trabalho

em equipe é uma das formas mais eficazes de ensinar. Além de trabalhar em conjunto com outros professores e coordenação pedagógica, diz que os pais também são importantes neste processo de ensino aprendizagem e finaliza sua fala com a seguinte frase “quando todos – família, professores e gestores – se envolvem, a criança sempre ganha” (Ibidem, 2010).

Partindo destas informações questiono: quando se apresenta o trabalho em equipe, o que de fato está se quer? Por que se fala tanto na importância do trabalho em equipe? Reforçar a responsabilidade e compromisso? Vigiar e controlar o outro? Ou, de fato produzir soluções concretas para as dificuldades da educação?

Oliveira (2007) em sua pesquisa afirma que as reportagens da Revista Nova Escola:

[...] disseminam uma produção, corporificam uma relação entre relações de poder e produção de saberes. De certo modo, situam a professora e o professor como sujeitos que ocupam um determinado lugar. Por entender as práticas pedagógicas como práticas discursivas produzidas nas relações de poder [...] (p. 13).

A partir da citação de Oliveira (2007), posso pensar no discurso da Revista como aquele que incita os professores a reverem as práticas pedagógicas realizadas em sala de aula no sentido de contribuir na melhoria da educação. Porém, questiono: Essas práticas interferem no trabalho de uma equipe?<sup>9</sup>

Para muitos profissionais, o trabalho em equipe pode representar apoio, ajuda e troca de ideias. Outros podem pensar este momento como uma forma de controle em relação ao seu trabalho. Alguns docentes podem entender que todos devam trabalhar da mesma forma, utilizando as mesmas práticas pedagógicas e outros compreenderem a trabalho em equipe como um momento para conhecer e respeitar os colegas docentes. Como podemos pensar a identidade e a diferença do ser docente nesta multiplicidade de ideias?

---

<sup>9</sup> Segundo o Dicionário Aurélio (FERREIRA, 2010) equipe é “um grupo de pessoas que juntas participam de uma competição esportiva ou se aplicam a uma tarefa ou trabalho” (p.358), destarte possuem o mesmo objetivo.

## 5 IDENTIDADE E DIFERENÇA: EM JOGO O PROFESSOR

Pesquisando alguns significados para a palavra identidade, Aquino e Corraza (2011) afirmam que identidade é “igualdade, semelhança, analogia” (p. 75). Refletindo acerca dessas três palavras, causam em mim um estranhamento, e me pergunto: todo o professor é igual? Possuem semelhanças? Analogias? Fröhlich (2008) esclarece que ter uma identidade sociocultural, compreende que o que é igual para alguns é diferente para outros. Silva (2000) afirma que:

Em uma primeira aproximação, parece ser fácil definir “identidade”. A identidade é simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou heterossexual”, “sou jovem”, “sou homem”. A identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente (p. 74).

O autor destaca de forma simples que a identidade é a referência daquilo que se é, e da mesma forma apresenta uma breve explicação sobre a diferença:

[...] concebida como uma entidade independente. Apenas, neste caso, em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é: “ela é italiana”, ela é branca”, “ela é homossexual”, “ela é velha”, “ela é mulher”. Da mesma forma que a identidade, a diferença é, nesta perspectiva, concebida como auto-referenciada, como algo que remete a si própria. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe (SILVA, 2000, p. 74).

Fröhlich (2008) afirma que “identidade refere-se àquilo que identifica um grupo” e esta “carrega em si a diferença, ou seja, aquilo que agrega a um grupo, exclui, automaticamente, os outros que não possuem tal aspecto que agrega” (p.12). Pensando na identidade do professor, Garcia (2005) afirma que é entendida como uma construção social, marcada por diversos fatores que se entrelaçam, resultando

em representações que os professores fazem de si mesmos e de suas funções como docentes.

Neste sentido, posso pensar em um professor com uma identidade fixada ou ideal? Penso que é uma tarefa muito difícil enquadrar a identidade do professor a um modelo ideal, porém de acordo com alguns discursos que circulam por aí, o professor ideal é aquele que possui controle da turma, aquele que forma alunos, que trabalha todos os conteúdos que estão presentes na grade curricular, além de realizar avaliações. Então podemos classificar este professor como formador, ou seja, é aquele que tem como principal tarefa formar sujeitos, como afirma Albuquerque Junior (2010):

A ideia que somos seres que se formam, que ganham forma como o tempo, a ideia de que cabe ao processo educacional, que cabe à escola, e nela ao professor, dar forma a esta matéria disforme, esta matéria plástica, esta matéria infante, que é a criança. A escola seria assim um lugar de modelagem de corpos e espíritos, de construção de perfis, de personalidades, de caracteres, de almas e mentes. [...] A educação pensada como formação vai se propor a ser uma educação integral, que dá conta de todos os aspectos da vida, que prepara física, mentalmente, moralmente o futuro cidadão. [...] a educação como formação pretende moldar sujeitos para que incorporem perfeitamente à ordem social (p. 8).

E partindo desta citação, trago para a pesquisa mais um dos enunciados analisados da Revista Nova Escola: “bom professor”. O que é necessário para ser um bom professor, ou um professor preparado? Trago um trecho da Revista Nova Escola (nº 240, 2011) (ANEXO G) que está na reportagem intitulada “Ideias que jogam contra o ensino” afirma que “só com estudos constantes, planejamento e dedicação, é possível ser um bom professor, ou seja, ensinar todos os estudantes”. A partir deste enunciado, tomo emprestadas as palavras de Horn (2010) quando afirma que:

[...] não podemos definir as competências docentes de forma isolada e individualista. Ter um excelente professor em uma classe de alunos não implica sucesso na aprendizagem e, muito menos, resultados e desempenhos de sucesso no domínio de conhecimentos. Um professor qualificado e comprometido com a instituição em que trabalha, não garante, por si só, um rendimento satisfatório dos alunos. É difícil avaliar os resultados de um ou alguns professores na aprendizagem dos alunos. Isto seria avaliar apenas um recorte, um fragmento do ensino (s/p).

De acordo com a autora, não podemos classificar os professores entre bons ou ruins, pois a escola não é resumida somente ao trabalho do professor e o desempenho dos alunos não pode ser resultante somente do empenho e dedicação

do docente. Dentro disso, trago outra reportagem interessante que tem como título a seguinte questão “Será que existe professor(a) ideal?” (REVISTA NOVA ESCOLA, nº 234, 2010) (ANEXO H) e afirma em seu texto características para ser um professor ideal, entre elas: lucidez para não esperar alunos ideais, respeito próprio, comprometimento, consciência do próprio valor, solidariedade com alunos e colegas e coragem. Neste sentido, questiono: se não existem professores ideais, como podemos classificar o profissional que possui essas qualidades? Horn (2010) indica que:

A sociedade atual geralmente se reporta, ao definir as características de um bom profissional numa organização, seja esta empresa, loja, escola, às competências individuais de cada um dos trabalhadores, é visível a ênfase no individualismo para definir o que é ser um bom profissional, nas mais variadas formas de serviços. Mas quando pensamos na organização ESCOLA, precisamos trazer à tona uma nova compreensão [...]. Cada professor integra um corpo docente – uma coletividade – que deve ter objetivos em comuns na formação dos alunos e no desenvolvimento dos processos de aprendizagem. Importa considerar que o corpo docente enriquece quando nele fazem parte diferentes perfis profissionais: professores com idade, raça, gênero, tempo de serviço, formação distintas (s/p).

Os discursos da Revista, cujos enunciados apresentam o bom professor e os professores preparados, estão “carregados” por fórmulas, ou seja, sugestões de atitudes ou ações necessárias para ser ou se tornar um profissional excelente. Como exemplo, trago duas reportagens selecionadas, uma tem como manchete “Caminhos que levam a um aprendizado melhor” (REVISTA NOVA ESCOLA, nº 243, 2011) (ANEXO I), em seu texto explica que ao longo de quatro anos pesquisadores analisaram cento e sessenta e cinco trabalhos desenvolvidos no Brasil e exterior e depois de finalizado o estudo chegaram à conclusão de que existem quatro fatores capazes de melhorar aprendizagem, são eles: boa formação e experiência, salários mais altos, turmas menores e jornada mais longa. A segunda reportagem tem como título “Buscar os melhores” (REVISTA NOVA ESCOLA, nº 229, 2010) (ANEXO J) e explica que reuniram dezessete especialistas das mais variadas áreas da Educação para encontrar saídas para “a crise de atratividade da carreira docente” (Ibidem), e neste trabalho foram reunidos oito caminhos para atrair melhores candidatos a docência: “Oferecer salários iniciais mais altos, Propor bons planos de carreira, Melhorar as condições de trabalho, Focar a formação em serviço nas dificuldades em sala, Oferecer uma boa experiência escolar, Melhorar a formação inicial,

Resgatar o valor do professor na sociedade e Tratar o professor como profissional” (REVISTA NOVA ESCOLA, nº229, 2010).

De acordo com os estudos de Oliveira (2007):

A realidade aparece como se fosse sinônimo de verdade. Uma verdade que explique os acontecimentos que nos rodeiam. É como se houvesse [...] um caminho, uma técnica que possa servir de uma vez por todas, uma espécie de fórmula mágica (p. 9).

Por conseguinte, utilizo um questionamento, ou melhor, uma metáfora criada por Corazza (2012) para nos auxiliar a refletir sobre essas “fórmulas”: “se você der a um desenhista 64 moldes das curvas mais comuns de Botticelli ou se der a ele os 18 tons de amarelos mais usados por Van Gogh, ele será capaz de fazer uma obra de arte?” (p. 44). O ser docente e a educação podem se modificar com estes fatores, sugestões ou fórmulas? A resposta para este questionamento pode ter diversos caminhos e direções, sem verdades fixas ou absolutas. Nesta direção o docente deve “descarregar regras, desmodelizar o pensar” (CORAZZA, 2012, p. 48), “deslocar, tornar-se outro, trocar de pele, olhar-se com outros olhos” (p. 49).

Analisando a coletividade de reportagens retiradas da Revista, observo que suas tramas discursivas atuam como fonte de explicações para professores, pois é através de questionamentos enviados por docentes ou em reportagens, que especialistas das mais diversas áreas respondem e trazem explicações ou métodos/receitas para dúvidas, sejam elas em relação às práticas pedagógicas ou até mesmo problemas de indisciplina dentro de sala de aula, mantendo certo diálogo com seus leitores. Oliveira (2007), em sua pesquisa observou “a presença de estratégias discursivas atuando como mecanismos de autolegitimação, credenciando a Revista diante de seus interlocutores. Quem ousaria discordar dos especialistas com as suas sabias explicações?” (p. 11). Dentro disso, analiso a última categoria de enunciados da minha pesquisa que chamo de “especialistas”.

Uma das seções em que são respondidas questões enviadas por professores tem como título a pergunta “E agora, Telma?” (ANEXO K), que me parece a “salvação” dos profissionais docentes em relação a dúvidas e problemas com alunos ou dentro das instituições de ensino. Telma Vinha é professora de Psicologia Educacional da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e responde todas as dúvidas enviadas a Revista referente ao comportamento. Em cada edição, a revista

reserva uma página para esta seção que possui de duas a três perguntas. O mesmo acontece na seção “Neury responde” (ANEXO L), Neurilene Martins é doutoranda em Educação e formadora do Instituto Chapada de Educação e Pesquisa (Icep) e responde dúvidas de professores em relação à sala de aula. Oliveira (2007) apurou em sua pesquisa que:

[...] há com certeza por parte da Revista a preocupação efetiva com o alcance de seus propósitos [...]. Apresenta forma e conteúdo integrados coerentemente, a partir de uma ideia pré-concebida (por que não dizer preconceituosa?) de quem sejam seus leitores e, principalmente leitoras: profissionais não suficientemente formados, precisando de explicações simplificadas para seus afazeres pedagógicos (p. 12).

Outra maneira da revista trazer opiniões de especialista é na seção “Fala, mestre!”, realizando entrevistas com especialistas de diferentes áreas da educação, entre outras. Na entrevista que analisei, a Nova Escola conversou com Myriam Nemirivky (REVISTA NOVA ESCOLA, nº 246, 2011) (ANEXO M), pesquisadora argentina e especialista em formação de leitores e escritores. A partir dessas seções, que a Revista utiliza as falas dos especialistas para dizer que o profissional docente deve fazer isso ou aquilo, como explica Aquino (2013):

Na esfera educacional o jogo do *expert* dar-se-á especialmente por meio de um incansável trabalho de inculcação de idéias transcendentais que, repetidos à exaustão se reduzindo a slogans do tipo: o dever/direito de desenvolver-se; a construção de uma vida melhor; o aprender a aprender etc. (p. 205).

E é a partir desses discursos que a Revista vai constituindo o sujeito professor, aquele que necessita de suas reportagens para se tornar um bom profissional e que tenha sucesso em relação ao desempenho escolar de seus alunos. Pensando nisso, podemos pensar em um professor diferente? Não um professor que modela sujeitos para a vida em sociedade, mas pensar a docência “por meio de uma teia de relações, visíveis e invisíveis” (HARDT, 2006, p. 5).

Munhoz e Costa (2013) sugerem que, para hoje construir um professor, é essencial ir muito além das formações didáticas, teóricas e ideológicas, é “caçar-se a si mesmo” (p. 14). Essa formação é constituída por um processo constante de movimentos e encontros, “em um plano de multiplicidades que vai muito além de seus próprios pés” (Ibidem, p. 14).

Se na identidade do ser docente, os professores possuem em comum o ato de ensinar, “isso não quer dizer que haja uma cristalização e perenização na forma de ser professor” (TRAVERSSINI; PEREIRA, 2010, p. 19). E neste sentido, os autores afirmam que o professor tem a possibilidade de se assumir autor, se fortalecendo nos movimentos e nos encontros com a identidade e com a diferença. Ser um professor deformador, pensando a aprendizagem através de outras perspectivas e ao mesmo tempo transformando e desconstruindo a ideia de formar sujeitos.

Precisamos de um professor que deforme e não que forma, um professor que ponha em questão, primeiro sua própria vida, em suas práticas e discursos os códigos sociais em que foi formado. Professor que pense o ensinar como uma atividade de auto-formação, como uma atividade diária de mutação do que considera ser sua subjetividade, sua identidade, seu EU. O ensinar como abertura para se deixar afetar pelas forças e matérias sociais que o convocam a se elaborar permanentemente, a escreverem a si mesmo, a cuidarem de si mesmo, numa atividade ética que pressupõe abrir-se para o outro, para o diferente, para o estranho, para o estrangeiro, para o não-sabido, o não-pensado, o não-valorado. Ensinar como o ato de se abrir para questionar a certezas, as verdades, o aceito, o consenso, o que não se questiona. Ensinar pensado como uma atividade que supõe uma hierarquia, uma desigualdade de saber entre professor e aluno, mas como uma atividade relacional, em que alunos e professor têm o que aprender um com o outro (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2010, p. 9-10).

Este ensino que deforma é aquele que racha com qualquer certeza, verdade, que dá importância à criatividade, a criação e ao pensar de outros modos. Desconstrói a ideia de homogeneidade, de escola como salvação, de conteúdos preestabelecidos, para que este ensino deforme busca encontros e relações de aprendizagens, “investe na desmontagem dos sujeitos, dos modelos de subjetividades, das identidades dos que chegam à escola, tanto de professores, como de alunos” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2010, p. 10). Parafraseando as palavras de Gallo (2010), para educar é preciso ter desprendimento daquele que não deseja discípulos, mostrar caminhos, mas não esperar e controlar os caminhos que os outros seguem. E mais importante, segundo o autor, é ser humilde para mudar seus próprios caminhos por aquilo que recebe dos outros.



## 6 AO INFINITO E ALÉM: NA CRISTA DA ÚLTIMA ONDA

Professor. Deformar. Ensinar. Educar. Viver. Salvação. Giros. Idas. Voltas. Alinhavos. Ondas. É possível pensar em uma escola que deforme? Penso que sim, porém estamos ainda muito presos à escola moderna e suas “formas” de ensinar, podemos iniciar pensando a arquitetura das instituições de ensino, repletas de corredores e obedecendo muitas vezes as características do panóptico. Trago um pequeno registro do em que refleti e me questionei sobre o estar professora.

*“Um dia como todos os outros, acordei, me arrumei, preparei meu lanche e fui para a escola. Porém posso dizer que não foi um dia igual aos outros porque me dei conta de muitas práticas que realizo diariamente e que vão ao encontro com a ideia de formar os alunos para a vida em sociedade. Uma delas é solicitar que meus alunos façam fila para ir até o pátio da escola ou até o refeitório, me questiono: para que pedir que façam fila? Disciplina? Ordem? Controle? Inúmeras perguntas saltitaram da minha mente. Fiquei observando meus alunos e tudo o que queriam fazer, ir ao banheiro, tomar água e tirar o casaco, me pediam. Nos documentos escolares, Projeto Político Pedagógico, Regimento, enfim, temos claro que “formaremos” alunos com autonomia para a vida em sociedade. Como desconstruir essa ideia de formar alunos para a vida em sociedade? Como modificar esse “papel” ou essa “identidade” de professor formador em uma sociedade pós-moderna? (Minhas reflexões)*

Segundo Albuquerque Junior (2010), o papel do professor na sociedade pós-moderna, se ainda terá algum, está gradativamente sendo modificado. O professor

vai deixando de ser o centro no processo de ensino aprendizagem. E é aí que entra a ideia de encontro, nesta ideia não possuímos um sujeito como centro, mas através dos encontros com o outro e com o conhecimento que o aluno e o professor aprendem. Neste sentido, pensar a escola, não como um prédio, com máquinas, funcionário, professores e alunos, mas sim como “uma rede de relações humanas como todas as dimensões que estas compreendem” (Ibidem, 2010, p. 12) E é neste espaço de relações que o professor da diferença deve estar constantemente se questionando, se desconstruindo e rompendo com certezas e verdades sobre a educação e seus sujeitos.

Como analisado ao longo da pesquisa, a Revista Nova Escola cria discursos sobre o docente e a escola. Suas reportagens, que acredito serem lidas por milhares de professores do Brasil, devem ser constantemente questionadas, assim como a educação como um todo, levando o docente questionar e refletir a todo o momento sobre seus discursos.

E é através deste questionar-se que o professor pode pensar refletir sobre o ensinar e o ser professor. Questionar-se para vir a ser outro. Compor para decompor. Deixar de lado a ideia moderna de formar sujeitos, mas sim trazer para a instituição o ensino que deforme “um ensino que não fornece certezas, verdades, mas que cria dúvidas, instaura impasses, põe em questão o dogma e o que é tido como natural, justo, certo, belo, bom [...] um ensino que desarruma o arrumado” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2010, p. 11).

Através da análise percebi que a Revista, em muitas de suas reportagens privilegia por verdades e certezas sobre o ser professor, levando em conta que a Revista Nova Escola tem grande impacto nas instituições escolares. Desta forma, tendo uma circulação influente no dia a dia dos professores, disseminando discursos reproduzidos por ela.

Para a minha surpresa encontrei mais perguntas do que respostas, perguntas que levo como desafio para minha profissão e para futuras pesquisas. Penso que, como professora e como pesquisadora, devo continuar questionando, desacomodando e desassossegando minhas dúvidas e reflexões.

Para finalizar, porém sabendo que não é o fim, trago as palavras de Fernando Sabino (2005):

“De tudo ficaram três coisas...  
A certeza de que estamos começando...  
A certeza de que é preciso continuar...  
A certeza de que podemos ser interrompidos  
antes de terminar...  
Façamos da interrupção um caminho novo...  
Da queda, um passo de dança...  
Do medo, uma escada...  
Do sonho, uma ponte...  
Da procura, um encontro!”

Este pequeno trecho me remete a vida do professor e o incessante começar, não um começo de iniciar, mas um começo como a primeira parte de um agir. Viver esta pesquisa me permitiu desconstruir ideias e verdades sobre o ser professor e sua profissão, porém posso afirmar que a presença provocativa de diversos questionamentos que me farão continuar lendo, pesquisando e refletindo a docência.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. Por um ensino que deforme: o docente na pós-modernidade. In: Áurea da Paz Pinheiro e Sandra C. A. Pelegrini. (Org.). **Tempo, Memória e Patrimônio Cultural**. 1. ed. Teresina: EDUFPI, 2010, v. 1, p. 55-72.

ALVES, Rubem. **Gaiolas e Asas**. Tendências e Debates. Folha de São Paulo, 05 dez. 2001.

AQUINO, JulioGroppa. CORAZZA, Sandra Mara (org.). **Dicionário das ideias feitas em educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

AQUINO, JulioGroppa. Pedagogização do pedagógico: sobre o jogo do expert no governo docente. **Educação**, Porto Alegre, v.36, n.2, p.201-209, mai./ago. 2013.

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros. Iluminuras de Martha Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

BAUMANN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Tradução de Carlos Alberto Madeiros. Rio de Janeiro, 2005.

\_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e ambivalência**. Tradução: Marcus Penchel, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BOCCO, Fernanda. **Cartografias da infração juvenil**. Porto Alegre: ABRASPO SUL, 2009.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história**. 9. ed. Editora Brasiliense, 1986.

BUTLER, Judith. Actos performativos y constitución del género: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista. **Debate Feminista**, México, v.18, p.296-314, 1998.

CORAZZA, Sandra M. Como dar uma boa aula? Que pergunta é essa? In: **Pesquisa – ensino: o “hífen” da articulação necessária na pós-Didática**. Palestra apresentada no III Ciclo de Estudos do DEC – “Praticando pesquisa educacional nas licenciaturas”, em 23 de outubro de 1999, Porto Alegre/RS.

\_\_\_\_\_. **Uma vida de professora**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

\_\_\_\_\_. **Didaticário de criação: aula cheia**. – Porto Alegre: UFRGS, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1.

DELEUZE, Gilles. PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. – São Paulo: Editora Escuta, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa/ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira**. Marina Baird Ferreira (Coord). 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a análise do discurso em educação**. Caderno de Pesquisa n. 114. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

FISCHER, Beatriz T. Daudt. **Professoras: história e discursos de um passado presente**. Pelotas: Seiva, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baita Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. 37. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FRÖHLICH, Raquel. **Pareceres Descritivos: a produção de alunos especiais na escola comum**. In: VI Congresso Internacional de Educação- Educação e Tecnologias: sujeitos (des)conectados?, 2009, São Leopoldo. VI Congresso Internacional de Educação, 2009. v. 1. p. 854-855.

FUGANTI, Luiz. Aprender. In: AQUINO, JulioGroppa; CORAZZA, Sandra M. **Abecedário: educação da diferença**. Campinas, SP: Papirus, 2009.

GALLO, S. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. In: Regina Leite Garcia. (Org.). **Diálogos Cotidianos**. 1. ed. Petrópolis: DP et alii, 2010, v. 1, p. 231-246.

GARCIA, Maria Manuela. HYPOLITO, Álvaro Moreira. VIEIRA, Jarbas Santos. As identidades docentes como fabricação da docência. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.13, n.1, p.45-46, 2005.

HARDT, Lúcia S. Formação de professores: as travessias do cuidado de si. In: 29 Reunião Anual da ANPED, 2006, Caxambu. **Educação, Cultura e Conhecimento na Contemporaneidade: Desafios e Compromissos**, 2006.

HILLESHEIM, Betina; BERNARDES, Anita Guazzelli; MEDEIROS, Patrícia Flores de. Leitura de uma onda: Pesquisa e Observação. **Revista Educação e Realidade**, set./dez. 2009.

HORN, Cláudia Inês. A coletividade das competências docentes: o que é ser um bom professor hoje? **Revista Lições – Revista de Ensino e Pesquisa**, São Leopoldo, p.12-12, set. 2010.

JOBIM, Tom. **Wave (Vou te contar)**. Composição e Interpretação Tom Jobim. 1977.

KANT, Imanuel. **Crítica da razão pura: os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.v. 11.

KHOURI, Mauro Michel El. **Rizoma e educação: contribuições de Deleuze e Guattari**. Universidade Federal do Ceará (UFC).

MAIA, A. C. A genealogia de Foucault e as formas de poder – saber: o inquérito e os exames. In: CASTELO BRANCO, G.; BAETA NEVES, L. F. (org.). **Michel Foucault: da arqueologia do saber à estética da existência**. Londrina / Rio de Janeiro. Cefil/ Nau, 1998.

MUNHOZ, Angelica Vier; COSTA, Cristiano Bedinda. Pedagogia em Fuga. **Caderno Pedagógico**, Lajeado, v.10, n.2, 2013.

MUNHOZ, Angélica Vier. Sujeito, saberes e regimes de verdade. In: MUNHOZ, Angélica Vier; FELDENS, Dinamara; SCHUK, Rogério José (org.). **Aproximações sobre o sujeito moderno: traçando algumas linhas...** – Lajeado, RS: Univates, 2006.

NOGUERA; RAMÍREZ, Carlos Ernesto. **Pedagogia e governamentalidade ou Modernidade como uma sociedade educativa**. Belo Horizonte. Autentica Editora, 2011.

OLEGÁRIO, Fabiane. **Do modelo à criação: com(vivendo) e inventando Filosofia, Arte, Alegria e Educação**. Monografia. Pós-Graduação em Educação e Psicopedagogia. Lajeado, RS: Univates, 2006.

OLIVEIRA, Cláudio José de. **Discursos sobre a matemática escolar: Um estudo a partir da Revista Nova Escola**. In: 30º Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação Pesquisa em Educação – ANPEd, 2007, Caxambu, MG. Anais da 30º Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação Pesquisa em Educação – ANPEd. Rio de Janeiro, 2007, v.1, p.1-15.

**PRO dia nascer feliz**. Documentário. Direção, roteiro e edição: João Jardim. Produção: Flávio R. Tambellini e João Jardim. Música: Dado Villa Lobos. Pesquisa e

colaboração no roteiro: Renée Castello Branco. Direção de Fotografia: Gustavo Hadba. Rio de Janeiro: Tabellini Filmes, 88 minutos, 2006. Disponível em: <[http://www.youtube.com/results?search\\_query=pro+dia+nascer+feliz+documentario](http://www.youtube.com/results?search_query=pro+dia+nascer+feliz+documentario)>

REVISTA NOVA ESCOLA. **Grandes pensadores**. Abril, Fundação Victor Civita. Edição Especial n.19 São Paulo, 2008.

REVISTA NOVA ESCOLA, São Paulo, nº 229, 2010.

REVISTA NOVA ESCOLA, São Paulo, nº 234, 2010.

REVISTA NOVA ESCOLA, São Paulo, nº 236, 2010.

REVISTA NOVA ESCOLA, São Paulo, nº 240, 2011.

REVISTA NOVA ESCOLA, São Paulo, nº 243, 2011.

REVISTA NOVA ESCOLA, São Paulo, nº 246, 2011.

REVISTA NOVA ESCOLA, São Paulo, nº 247, 2011.

REVISTA NOVA ESCOLA, São Paulo, nº 249, 2012.

REVISTA NOVA ESCOLA, São Paulo, nº 252, 2012.

REVISTA NOVA ESCOLA, São Paulo, nº 258, 2012.

REVISTA NOVA ESCOLA, São Paulo, nº 263, 2013.

REVISTA NOVA ESCOLA, São Paulo, nº 265, 2013.

REVISTA NOVA ESCOLA, São Paulo, nº 267, 2013.

REVISTA NOVA ESCOLA, São Paulo, nº 274, 2014.

SABINO, Fernando. III O Escolhido. In: **O Encontro Marcado**. Editora Record. 79.ed. 2005.

SANCHES, Júlio César. **Corpos performativos**: Os entre-lugares e as zonas Queers em Lady Gaga. VIII Congresso Ibero americano de Ciência, Tecnologia e Gênero, 2010.

SCANLON, Elizabeth Garton. **O mundo inteiro** / Liz GartonScanlon; com ilustrações de MarlaFrazee; tradução de Marília Garcia. – 2.ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2013.

SCHUK, Rogério José. Nem sujeito nem objeto: pistas para uma crítica à educação moderna. In: MUNHOZ, Angélica Vier; FELDENS, Dinamara; SCHUK, Rogério José (org.). **Aproximações sobre o sujeito moderno**: traçando algumas linhas... Lajeado, RS: Univates, 2006.

SILVA, Shirlei Inês Mendes da. **Planos e planos**: memórias do projeto Ilha Grande dos Marinheiros. Lajeado, RS: UNIVATES, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**/ Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

TAVANO, Silvana. **Como começa?**. 3. ed. São Paulo: Callis Ed., 2009.

TRAVERSINI, Clarice; PEREIRA, Nilton Mullet. Práticas docentes e formação continuada na contemporaneidade. In: ROSSI, Aída Maria Piva (org.). **Ensino Médio**: docência, identidade e autoria. São Leopoldo: Oikos, 2010.

VEIGA-NETO, Alfredo. Algumas raízes da Pedagogia moderna. In: ZORO, Cacilda; SILVA, LauraciD.; POLENZ, Tamara (org.). **Pedagogia em conexão**. Canoas: Editora da ULBRA, 2004.

VEIGA-NETO, Alfredo. SARAIVA, Karla. Modernidade Líquida, Capitalismo Cognitivo e Educação Contemporânea. **Educação & Realidade**, v. 34, n. 2, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

ZIRALDO. **Uma professora muito maluquinha**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1995.

ZORDAN, Paola. Ensinar. In: AQUINO, Julio Groppa; CORAZZA, Sandra Mara (org.). **Abecedário**: educação da diferença. Campinas; SP: Papirus, 2009.



**ANEXOS**

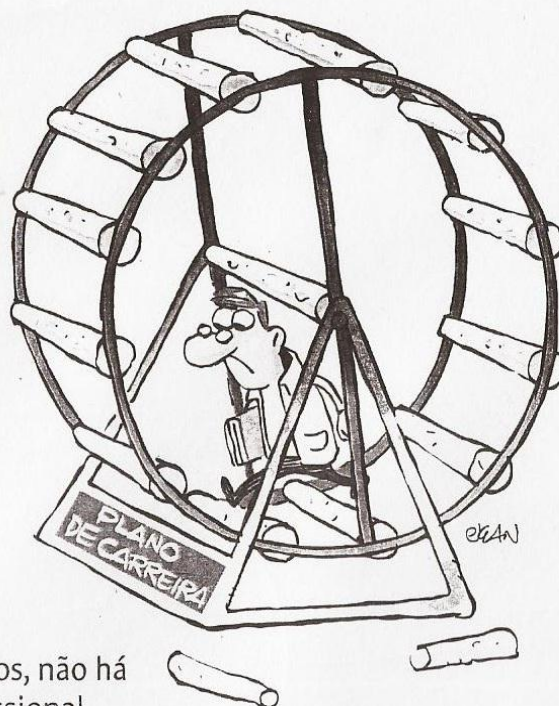
## ANEXO A – Uma profissão estagnada

## O X da questão

## Uma profissão estagnada

Sem planos de carreira estruturados, não há perspectivas de crescimento profissional e a atividade docente se torna pouco atrativa

ALEXANDRE GARCIA novaescola@atleitor.com.br



**D**ar aos profissionais da Educação perspectivas de médio e longo prazos, tornar a docência atrativa para os mais jovens e valorizar a profissão, equiparando-a a outras que exigem o mesmo grau de especialização. Esses são alguns dos objetivos por trás da criação dos planos de carreira do Magistério, ou pelo menos deveriam ser. Infelizmente, o Brasil vem empurrando essa reivindicação com a barriga há anos. Em 1996, quando começaram as discussões para a elaboração do Plano Nacional de Educação (PNE) que vigorou de 2000 a 2010, o assunto já estava em alta e foi incorporado às metas. Quinze anos se passaram, pouco caminhamos – ainda há muitas redes sem plano de carreira ou com propostas frágeis – e a questão voltou à pauta do novo PNE, que está em votação no Congresso (veja uma comparação

entre a meta atual e a de 2000 no quadro da página 36).

Enquanto isso, educadores de todo o país reclamam de não ter perspectivas claras de crescimento profissional e a questão contribui para que a docência se torne cada vez menos valorizada. Um plano de carreira bem formulado pode trazer bons profissionais para as salas de aula, mesmo que o salário inicial não seja tão alto. Isso porque a maioria das pessoas, especialmente os mais jovens, é atraída pela perspectiva de progredir. Ao mesmo tempo, a existência de degraus sólidos que se pode alcançar ajuda a manter o docente motivado na rede pública. Para que essas duas ações se concretizem, é necessário que a profissão conte com regras claras de promoção, um programa estruturado de aperfeiçoamento profissional e uma boa política

57%

É O PERCENTUAL DE MUNICÍPIOS BRASILEIROS QUE AINDA NÃO TÊM PLANOS DE CARREIRA ESTRUTURADOS PARA OS DOCENTES.

FONTE MEC

→ PLANOS DE CARREIRA bem estruturados atraem pela perspectiva de progredir

PLANOS DE CARREIRA  
↓  
Objetivos  
=

\* Tornar a docência atrativa para os mais jovens

\* dar aos profissionais perspectivas de médio e longo prazo.



# O X da questão

Deu de remuneração. São importantes também ações que deem segurança ao trabalhador em termos de proteção à saúde e direitos previdenciários.

**Faltam regras claras, formação consistente e política salarial** Estados e municípios têm autonomia para criar e gerir seus planos de carreira, mas o Ministério da Educação (MEC)

por meio do Plano de Ações Articuladas (PAR) vem, desde 2007, auxiliando os gestores locais na implementação desses. Para que essas ações tenham resultado, no entanto, é preciso que as propostas contemplem os degraus que o docente pode alcançar e o que deve fazer para isso – o que nem sempre acontece. Propostas consistentes asseguraram promoções e progressões funcionais mediante regras claras e meritocráticas.

## Promessa que se repete

Dez anos depois, medida que não foi implementada volta à pauta

**PNE 2000-2010**

Garantir a implantação, já a partir do primeiro ano deste plano, dos planos de carreira para o Magistério, elaborados e aprovados de acordo com as determinações da Lei nº 9.424/96.

**PNE 2011-2020 (proposta)** META 18 Assegurar, no prazo de dois anos, a existência de planos de carreira para os profissionais do Magistério em todos os sistemas de ensino.

Para viabilizar essa subida, há que se criar degraus mais sólidos de formação. Atualmente, existem algumas iniciativas do Ministério da Educação (MEC) em curso. No campo da formação inicial, destaca-se o estímulo à graduação por meio de bolsas de estudos do Programa Universidade para Todos (ProUni). No que se refere à formação continuada, existem programas criados em parceria

com estados e municípios – como o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor), que apresenta resultados interessantes, mas ainda não alcança grande escala. Há também a promessa do MEC de tornar gratuitos os mestrados e doutorados em Educação, que ainda não está aprovada. Isso, no entanto, não é suficiente. É necessário pensar a capacitação docente em nível nacional.

Outro ponto fundamental é a política de remuneração. A questão é, com certeza, a mais complicada atualmente. Entre as metas do PNE, há uma que propõe aproximar o rendimento médio do profissional do Magistério com mais de 11 anos de escolaridade à média do salário de pessoas com os mesmos anos de estudo. Nada mais justo, visto que a docência é a base para a formação do país. Há,

no entanto, diversos entraves para que a medida seja efetivada. A lei do piso nacional foi um avanço importante, mas o salário de 1.187,14 reais dos professores para uma jornada de 40 horas semanais não é, de forma alguma, atrativo e equitativo para outros profissionais de igual especialização.

E mesmo esse valor tem sido firmemente contestado por diversas redes, que alegam falta de verbas para o pagamento dos professores. É preciso garantir, então, que seja colocado em prática o artigo 211 da Constituição Federal de 1988, que determina que o governo federal colabore técnica e financeiramente com estados e municípios para a consagração do direito à Educação. Essa ajuda se dá por meio da complementação orçamentária da União às redes que comprovam a falta de recursos.

A discussão sobre orçamento precisa se tornar mais firme a partir do próximo ano. Isso porque, com o reajuste no piso – que tem a previsão de chegar a 1.384 reais –, existe o sério risco de, para cumprir a lei, estados e municípios acabarem os planos de carreira. Sem novos recursos, pode haver reajuste apenas para quem entra na rede, diminuindo os progressos ao longo do tempo. Com isso, em vez de uma carreira com vários degraus para subir, o que o docente vai continuar vendo é uma profissão em que se anda, mas não se sai do lugar. □

## Mais em novaescola.org.br/extras

Reportagens voltadas para a valorização da carreira e formação docente.  
X da Questão sobre o Plano Nacional de Educação 2011-2020, em votação no Congresso.

# Sistema Educacional Família e Escola

## Há mais de 15 anos inovando na Educação

Atuando em mais de 100 municípios

Desenvolvido pelo Grupo Base, o Sefe é um sistema de ensino que há mais de 15 anos atende às escolas das redes públicas. Foi pioneiro nas ações conjuntas entre escola e família visando ao desenvolvimento integral do aluno. Este trabalho tem início na Educação Infantil e estende-se até as séries finais do Ensino Fundamental. Os materiais que compõem o Sefe foram elaborados a partir de uma visão sócio-histórica da educação e organizados numa perspectiva interdisciplinar.



### Envolvimento da Família

Trabalho desenvolvido por meio de palestras com os familiares dos alunos de todas as escolas.

### Materiais Didáticos Sefe

Educação Infantil  
Ensino Fundamental – 1º ao 5º  
Ensino Fundamental – 6º ao 9º

### Produtos e Serviços Sefe

Formação continuada para professores  
Cursos para gestores  
Acompanhamento local  
Cursos de formação a distância  
Ideias – Sistema de Avaliação  
Clique Aqui – Tecnologia Educacional  
Educação Financeira  
Ensino de Língua Estrangeira  
Suplementos Regionais de História e Geografia dos estados e municípios

## Representantes em todo o país. Informe-se:



Rua Atilio Borio, 438 – Alto da Rua XV  
CEP 80045-100 – Curitiba-PR  
Fone/Fax: (41) 3003-4616  
E-mail: contato@sefe.org.br

educando, com a família



## Políticas públicas

### Carreira



# Escolha de poucos

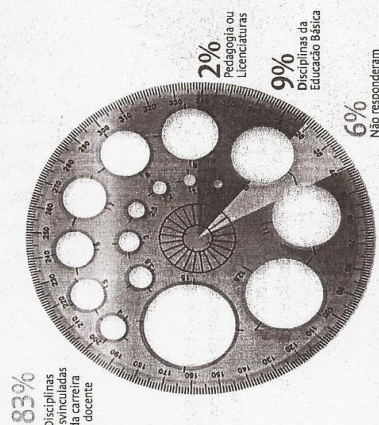
Pesquisa com estudantes do Ensino Médio revela baixa atratividade da carreira docente

FERNANDA SALLA e RODRIGO RATIER [ratier@abril.com.br](mailto:ratier@abril.com.br)

Nos últimos anos, tornou-se comum a noção de que cada vez menos jovens querem ser professores. Falava-se em sala de aula – Pedagogia ou alguma licenciatura (leia o gráfico abaixo). A pesquisa, que ouviu 1.501 alunos de 3º ano em 18 escolas públicas e privadas da Fundação Victor Civita (FVC), traz dados concretos e preocupantes: apenas 2% dos estudantes do Ensino Médio têm

## UMA PROFISSÃO DESVALORIZADA

Só 2% dos entrevistados pretendem cursar Pedagogia ou alguma Licenciatura, carreiras pouco cobçadas por alunos das redes pública e particular



Fonte: Pesquisa Atratividade da Carreira Docente no Brasil (FVC/FCC)

MAIS NO SITE  
Relatório completo  
e apresentação da  
pesquisa na FVC  
[www.novaescola.org.br](http://www.novaescola.org.br)

## FALTAM BONS CANDIDATOS

A baixa procura contrasta com a falta de docentes com formação adequada



Fontes: Inep e Censo da Educação Superior (2004 e 2008)

priorizando outras graduações. O resultado é que, enquanto Medicina e Engenharia lideram as listas de cursos mais procurados, os relativos à Educação aparecem bem abaixo (leia os gráficos na página ao lado).

Um recorte pelo tipo de instituição dá mais nitidez a outra face da questão: o tipo de aluno atraído para a docência. Nas escolas públicas, a Pedagogia aparece no 16º lugar das preferências. Nas particulares, apenas no 36º. A diferença também é grande quando se consideram alguns cursos de disciplinas da Escola Básica. Educação Física, por exemplo, surge no 5º nas públicas e 17º nas particulares. Essas informações evidenciam que a profissão tende a ser procurada por jovens

**"Se eu quisesse ser professor, minha família não ia aceitar, pois investi em mim. É uma profissão que não dá futuro."**

ANDRÉ, aluno de escola particular em Campo Grande, MS

\* Os nomes dos alunos entrevistados foram alterados para preservar a confidencialidade da pesquisa



# ANEXO C – O Brasil não pode mais perder bons professores

EDUCAÇÃO EM DEBATE



## O Brasil não pode mais perder bons professores

Mudanças estruturais são fundamentais para manter os docentes na rede pública e atrair os jovens para o Magistério

Nos últimos meses, dois temas tornaram as manchetes dos jornais. De um lado, surgiram registros cada vez mais frequentes de exoneração de professores na rede pública em diversos estados e municípios. De outro, o número de jovens interessados em ingressar em carreiras ligadas à Educação não acompanhou o aumento em outras áreas de nível superior. Em comum, essas reportagens têm o problema que retratam: a desvalorização do Magistério.

O assunto não é novo, mas vale retomá-lo e colocar luz sobre aspectos que precisam ser discutidos e modificados. O estudo Teacher Status Index, realizado este ano pela Fundação Varkey Gens em 21 países, ajuda a entender onde está o problema. Os pesquisadores avaliaram o status do professor e encontraram respostas contraditórias no Brasil. Enquanto o país é o que mais confia nele como profissional capacitado a dar uma boa Educação aos alunos, menos de 20% dos entrevis-

tados encorajariam os filhos a seguir a carreira docente. Na China, o índice é de 50%.

As respostas mostram que o discurso da valorização da Educação, inelutavelmente, está dissociado da profissão de professor. Falase muito na importância do docente, sem que se discuta, em igual proporção, aspectos ligados à formação, carreira e condições de trabalho. Sem esse olhar atento, a escola vai pouco a pouco perdendo suas equipes.

A pesquisa Desistência e Resistência no Trabalho Docente, de André do Rocio Caldas, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), com professores da rede municipal de Curitiba, mostra que os fatores para o abandono da profissão são os mesmos conhecidos de todos: baixos salários, problemas físicos e psicológicos, infraestrutura escolar precária, violência no ambiente de trabalho, pressão e cobrança por resultados, sentimento de desvalorização da profissão pela sociedade e falta de apoio das famílias dos alunos.

Essas questões se refletem em números. De acordo com a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, até agosto deste ano houve 1.283 pedidos de exoneração na rede pública – uma média de cinco por dia. Como parte dos professores acumulam funções, não há como afirmar precisamente quantos docentes deixaram as salas de aula, mas trata-se de um potencial considerável. Casos semelhantes se repetem em outros estados e municípios. No Rio de Janeiro, segundo o Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação, 542 professores haviam pedido exoneração até setembro. A quantidade difere da conta apresentada pela Secretaria de Estado de Educação que fala em uma média de 350 ao ano. Número semelhante é apontado pela Secretaria de Estado do Paraná. Em Mato Grosso, em 2012, foram 107.

Os dados apontam para outro fator crucial: a formação docente. Estudo das fundações Victor Civita (FVC) e Carlos Chagas (FCC) mostram que muitas faculdades de Pedagogia não dão ao universitário o embasamento teórico para lidar com as diferentes etapas da aprendizagem. Já os cursos de Licenciatura estão preocupados em trabalhar o conteúdo das disciplinas e esquecem as didáticas. Faz-se necessário, portanto, rever os currículos. Cabe à universidade formar professores que dominem os conhecimentos sobre o objeto de ensino, a forma com que o aluno se aproxima dele e as condições didáticas e intervenções necessárias ao seu avanço. A regra vale, também, para a formação continuada. Rede e coordenação pedagógica têm de ser vistas como parceiras do docente no ofício de ensinar, não como atores que cobram resultados, sem ajudar a alcançá-los.

### Reflexos no ingresso na carreira

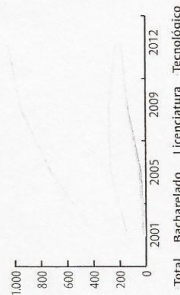
Os mesmos problemas que levam muitos educadores a mudar de área ajudam também a explicar o baixo interesse dos jovens pela profissão. Segundo o Censo da Educação Superior, o número de brasileiros que cursa o Ensino Superior vem crescendo, mas a quantidade de pessoas que ingressa em áreas ligadas à docência não aumenta na mesma proporção. De 2011 a 2012, as matrículas em cursos de graduação em geral cresceram 4,4%, mas nos de Licenciatura o potencial foi de 0,8%. Ao analisar quem conclui o nível superior, os números preocupam ainda mais. No mesmo período, o total de pessoas que terminou a Licenciatura caiu 6% no país, enquanto as outras áreas apre-

sentaram crescimento (leia o gráfico abaixo).

Ao questionar estudantes que estavam terminando o Ensino Médio sobre o futuro, a FVC e a FCC constataram que apenas 2% indicavam graduações diretamente ligadas à escola como primeira opção no vestibular. Os jovens reconheciam a importância do professor, mas afirmavam que a profissão é desvalorizada pela sociedade e possui uma rotina desgastante e desmotivadora. Muitos haviam chegado a essas conclusões ao observar as dificuldades que seus próprios docentes enfrentavam no dia a dia.

Além da resistência inicial, há ainda quem ingresse na Pedagogia ou faça Licenciatura sem ter a carreira de professor como foco. O estudo Atividade do Magistério para a Educação Básica, realizado pela pesquisadora Luciana França Leme com estudantes da Universidade de São Paulo (USP), mostra

Número de concluintes da Licenciatura não cresce na mesma proporção que os das demais áreas.



que 52% dos alunos de Licenciatura em Física e 48% dos de Matemática não querem lecionar ou têm dúvidas quanto a seguir a carreira. Na Pedagogia, o índice fica em 30%. Entre os fatores que os levam a questionar a profissão está o receio de não entrar em uma escola conceituada, em que tenham autonomia para criar projetos e fazer um trabalho pelo qual sejam reconhecidos.

Voltemos, portanto, ao argumento inicial. Sem perspectivas convidativas de formação, carreira e condições de trabalho, é muito difícil reverter esse quadro. Um avanço importante está expresso no Plano Nacional de Educação (PNE), em votação no Senado Federal. O texto coloca, nas metas 15 e 16, a importância da formação inicial e continuada. Na meta 17, defende-se a equiparação salarial dos professores com outras carreiras de nível superior e, na 20, a necessidade de ampliar os investimentos na área para garantir que essas ações sejam colocadas em prática. Acompanhar e cobrar a aprovação de cada uma dessas metas é, portanto, fundamental.

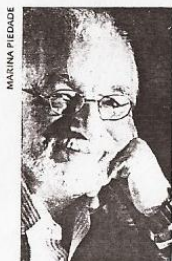
Com apuração de PAULA PERES  
Editado por ELISA MEIRELLES

BIBLIOTECA  
UNIVATES  
Lajado



## ANEXO D – Motivos para não abandonar a carreira

## Pense nisso



LUIS CARLOS  
DE MENEZES  
(pensenisso@  
fvc.org.br) é  
físico e educador  
da Universidade  
de São Paulo (USP)

## Motivos para não abandonar a carreira

Há muitos. O mais forte deles: os professores são os verdadeiros protagonistas das mudanças, pois podem transformar a realidade da escola



Esta coluna tem comunicação direta com professores em condições bem diversas, pois NOVA ESCOLA fala com quem chega à escola de metrô, ônibus, barco, carro e bicicleta; com aqueles que carecem de materiais básicos e com quem acessa a internet em classe; com quem ainda não se formou e quem já se especializou. Por e-mail e em visitas a escolas, os diálogos que travo com docentes dão lições de esperança e de superação, mas também mostram por que alguns pensam em deixar a escola.

Entre o fim do ano passado e o começo de 2012, me correspondi com um professor disposto a mudar de profissão. Desanimado, ele se queixava da carreira, mal estruturada e mal remunerada, da dificuldade de tratar com estudantes inquietos e famílias ausentes e da falta de políticas para apoiar seu trabalho. Cada uma das razões tem fundamento e, quando se somam, parecem justificar o desânimo de quem trabalha demais, ganha de menos e ainda leva a culpa por insucessos causados por razões estruturais.

Como não concordo com a desistência diante dessas adversidades, tentei mostrar a ele que, a despeito disso tudo, vale

a pena prosseguir. Portanto, vou tratar de cada um desses aspectos, pois podem servir de alento para professores que, à semelhança desse leitor, estejam cogitando abandonar a profissão.

Começo pelo mais difícil: carreira. É fato que a ampliação do atendimento escolar no Brasil demandou enorme aumento no número de professores, com perda de status e salário. No entanto, a exigência da formação superior para todos os educadores e do piso nacional para sua remuneração, mesmo que não totalmente cumprida, já sinaliza um novo entendimento sobre o trabalho docente. Hoje, por exemplo, valorizamos quem trabalha na Educação Infantil, o que antes nem sequer era considerado profissão. Esse é ainda um caminho acidentado, que estamos pavimentando.

Segundo problema: o atendimento a alunos inquietos. Lecionar para esse público requer difíceis mudanças de estratégia. Aliás, essas novas maneiras de ensinar – bem diferentes das que vimos em nossa formação – são necessárias para acompanhar o novo mundo do trabalho, que exige pessoas autônomas. Essa tarefa tem tornado o trabalho de educar muito mais criativo e estimulante.

Por último, trato das políticas públicas. Os professores têm sido os reais

protagonistas da reinvenção da escola. Afinal, o ensino deixou de ser linha de transmissão. O desejado, agora, é promover situações de aprendizagem e, para isso, os educadores precisam se aperfeiçoar. Nesse sentido, contam com o apoio de programas governamentais que facilitam o acesso à formação superior e a especializações. Já as políticas de avaliação escolar, apesar de estimularem discutíveis classificações de escolas, protegem os docentes de julgamentos por vezes arbitrários ao darem critérios de aferição do aprendizado.

Enfim, há um difícil caminho ainda por percorrer, mas estamos no rumo certo. Os argumentos aqui reunidos retomam minha correspondência com leitores, suas conquistas e seus desencantos. No entanto, há outras dezenas de razões para continuarmos nossa tarefa. Muitas delas estão por trás de cada par de olhos que nos acompanham em aula. Ignorá-las seria abandonar as perspectivas de todos os nossos jovens, algo bem mais difícil do que contestar meus argumentos. Felizmente, eles foram aceitos pelo leitor que me escreveu. Eu me alegro em dizer que ele continua em sala de aula, desempenhando suas funções.

www.novaescola.org.br

ESSAS  
NOVAS  
FORMAS DE  
ENSINAR



Prática pedagógica

V. 26 n.º 247

NOV. 2011

# Aprendi com as colegas

*Receber apoio de quem está há mais tempo na escola é fundamental para os iniciantes*

ANDERSON MOÇO anderson.mocho@abril.com.br

**P**oucas épocas são tão difíceis para quem acabou de terminar a Faculdade de Pedagogia ou uma licenciatura quanto os primeiros meses em sala de aula. Todo ano, cerca de 70 mil pessoas se formam nesses cursos e precisam deixar de ser alunos para se transformar em professores. Qual a forma correta de planejar as aulas? Será que domino os conteúdos suficientemente? De que forma controlar a turma e evitar a indisciplina? Qual estratégia utilizar nas primeiras aulas? Não é exagero dizer que a insegurança é uma marca desse período.

Parte do problema é que nos currículos das faculdades há pouco espaço para "o que" e o "como" ensinar. Segundo uma pesquisa realizada pela Fundação Carlos Chagas (FCC) para NOVA ESCOLA, apenas 28% das disciplinas dos cursos ministrados em todo o país se referem à formação profissional específica – 20,5% a metodologias e práticas de ensino e 7,5% a conteúdos. Ou seja, a universidade nem sempre prepara para enfrentar a realidade escolar e o resultado é quase sempre o medo de não conseguir dar conta do recado. Uma das questões que hoje se coloca para a Educação é atender de forma adequada aos recém-chegados. "A escola precisa ajudar esses profissionais a se tranqui-

lizar, deixando claro que errar nessa etapa faz parte do processo de aprendizagem", explica Sonia Penin, professora da Faculdade de Educação (FE) da Universidade de São Paulo (USP) e estudiosa sobre o tema.

Uma das formas de ajudar o novo docente é valorizar a integração dele com os que estão há mais tempo na escola. Afinal, ele não é o primeiro a passar por isso nem a assumir aquela turma. "Vários professores o antecederam e, ao contarem suas dificuldades e como superaram os desafios, podem ajudar muito", recomenda Sonia. Isso faz com que o iniciante se sinta mais seguro e encontre na equipe informações sobre os problemas do dia a dia, que ele sozinho não teria repertório para resolver. Outra boa dica é procurar diretores e coordenadores para discutir o ensino. "A atividade docente é complexa e demanda muita dedicação e tempo. Sem orientação, tudo fica ainda mais difícil", ressalta Sonia. Além disso, os mais experientes podem contar quem são os alunos, as características da comunidade, qual é o clima da sala de aula e, principalmente, como se organiza o ensino – informações fundamentais para quem está começando.

Nas próximas páginas, você encontra depoimentos de três jovens professoras sobre como os colegas mais experientes as ajudaram. Elas contam qual o conselho fundamental para que se adaptem à sala de aula e conseguissem vencer a insegurança. Nenhuma tem dúvida em dizer: aprendi com as colegas.

**Mais em novaescola.org.br/extra**

- Reportagem sobre como estabelecer uma rotina de colaboração e entrosamento para adaptar e integrar tanto alunos como professores novos.
- Reportagem sobre o que fazer na primeira aula.

**EM INÍCIO DE CARREIRA**  
Nas bancas em 17 de novembro, o Guia do Professor Iniciante é o novo especial de NOVA ESCOLA. Um tiradúvidas completo sobre docência para alunos e recém-formados de Pedagogia e licenciatura. Custa 10,90 reais.



**A difícil tarefa de disciplinar os alunos**  
Ao chegar à sala de aula, é preciso conquistar a turma e garantir um ambiente propício à aprendizagem

A primeira para Tatiana Lacer de Castro, 23 anos, enfrentou o problema ao assumir as aulas de História e Geografia das séries iniciais da E.M. José Diogo Almeida Magalhães, em Italo Horizonte. Os primeiros dias foram assustadores. Os alunos não faziam o que ela queria. Ela só pensava em desistir. Com a orientação por quem já estava em sala de aula, ela conseguiu vencer a insegurança e, ao contar suas dificuldades e como superaram os desafios, podem ajudar muito. Tatiana também conta que os colegas mais experientes a ajudaram a entender o clima da sala de aula e, principalmente, como se organiza o ensino – informações fundamentais para quem está começando.

**“Os primeiros dias foram assustadores. Os meninos não faziam o que eu queria. Eu só pensava em desistir. As questões práticas não...”**  
SÃO O FOCO DA GRADUAÇÃO  
TATIANA LACE DE CASTRO

**“As coisas ficam mais fáceis com o tempo, quando os alunos percebem que não podem nos intimidar. Postura e firmeza, sem agressividade, são primordiais.”**  
SILVANA ULISSES DE JESUS



## Prática pedagógica

### Avaliar para conhecer a turma

Muito além das notas de prova, é preciso acompanhar de perto o que os alunos aprenderam

Hoje muito se fala sobre maneiras eficientes de verificar o que os alunos aprenderam e com isso ajustar os ponteiros do ensino e da aprendizagem. Esse é um ganho e tanto para a Educação, mas traz desafios para os professores iniciantes, como conta Sheila de Santana Silva, 25 anos, que leciona para o 4º ano na Escola Lua Nova, em Salvador: "Fiz estágio e a minha maior dificuldade eram as questões avaliativas. Aprendi com a professora Nara Magalhães que avaliar é ajustar meu próprio trabalho às necessidades do momento. Essa ideia era totalmente contrária a tudo que vi na minha formação, quando o que valia era a nota. Ela me ensinou a avaliar o que o importante é chegar ao aprendizado dos alunos. Procurei ajudá-la a entender que avaliar não é apenas registrar a participação de cada um, apontando os problemas e os pontos em que cada um está com dificuldade. Para isso, é fundamental registrar o que os alunos sabem e o que eles não sabem. Só assim é possível pensar em atividades específicas para cada um e não deixar ninguém para trás", conta.



"Aprendi com a professora Nara Magalhães que avaliar é ajustar meu próprio trabalho às necessidades do momento."

SHEILA DE SANTANA SILVA

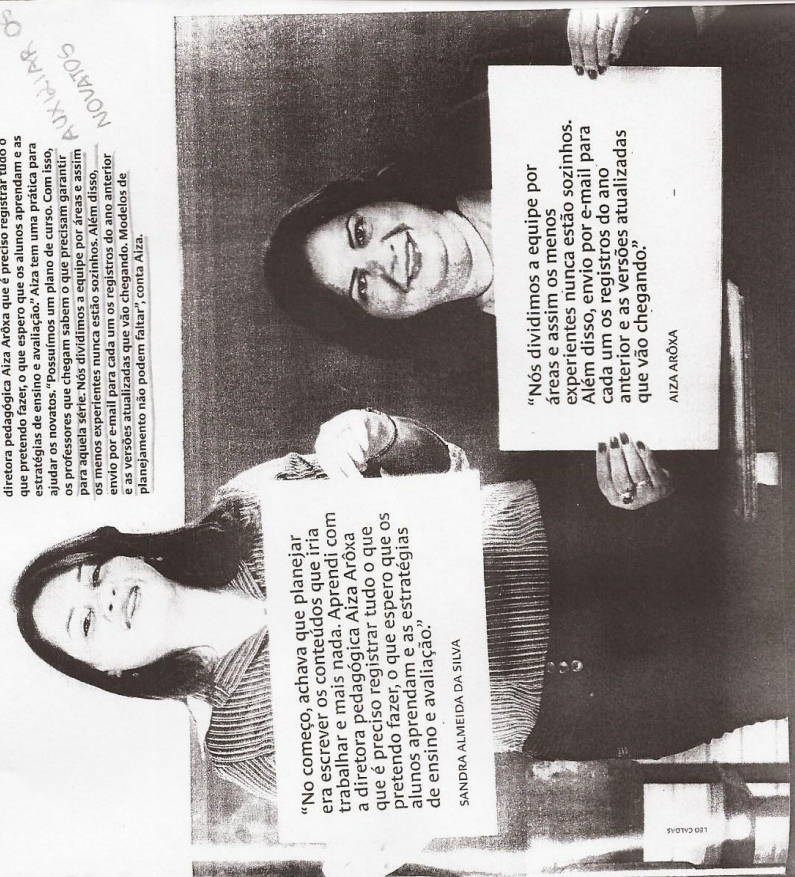
"Fundamental registrar a participação de cada um, apontando os problemas e os pontos em que cada um está com dificuldade."

NARA MAGALHÃES

### Planejar traz foco e qualidade

Antes mesmo de conhecer os alunos, todo professor tem a missão de pensar no que e como ensinar

Para alguém que está começando a lecionar, esse é um momento que traz muita insegurança. Afinal, o que ensinar? Qual plano de trabalho precisa ter? Essa dúvida chegou à cabeça de Sandra Almeida da Silva, professora de Arte e Geografia das séries finais do Ensino Fundamental, quando assumiu sua primeira turma. Ela trabalha no Colégio Estadual de Camaragibe, no município de Recife. "No começo, achava que planejar era escrever os conteúdos que iria trabalhar e nada mais. Aprendi com a diretora pedagógica Alza Arôxa que é preciso registrar tudo o que pretendo fazer, o que espero que os alunos aprendam e as estratégias de ensino e avaliação." Alza tem uma prática para ajudar os novatos: "Possuímos um plano de curso. Com isso, os professores que chegam sabem o que precisam garantir para aquela série. Nós dividimos a equipe por áreas e assim os menos experientes nunca estão sozinhos. Além disso, envio por e-mail para cada um os registros do ano anterior e as versões atualizadas que vão chegando. Modelos de planejamento não podem faltar", conta Alza.



"No começo, achava que planejar era escrever os conteúdos que iria trabalhar e mais nada. Aprendi com a diretora pedagógica Alza Arôxa que é preciso registrar tudo o que pretendo fazer, o que espero que os alunos aprendam e as estratégias de ensino e avaliação."

SANDRA ALMEIDA DA SILVA

"Nós dividimos a equipe por áreas e assim os menos experientes nunca estão sozinhos. Além disso, envio por e-mail para cada um os registros do ano anterior e as versões atualizadas que vão chegando."

ALZA ARÔXA





Capa  
Cultura

SÓ NO SITE  
A partir do dia 11 de  
outubro, o perfil  
do professor ideal  
pode ter sua foto.  
www.ne.org.br/  
vozenicapa

# O novo perfil do professor

Diferentes demandas se apresentam hoje como essenciais para quem está à frente de uma sala de aula. Conheça quais são elas e as histórias de quem já as incorporou à rotina e comprovou que se aperfeiçoar faz toda a diferença na aprendizagem da turma

ANA RITA MARTINS e ANDERSON MOÇO anderson.moço@abril.com.br

SÓ NO SITE  
Lista com as 20  
habilidades dos  
bons professores.  
Digite na busca "perfil  
do professor ideal".  
www.ne.org.br

**E**m 2008, a consultoria norte-americana McKinsey elaborou um estudo compilando o que os países com melhor desempenho em Educação fazem para atingir a excelência. Selecionar os melhores professores está entre as conclusões do trabalho, medida que começa a ser levada a sério pelo Brasil. Para estabelecer parâmetros de qualidade na hora de escolher quem vai lecionar para nossas crianças, o Governo Federal está criando o Exame Nacional de Ingresso na Carreira Docente, que deve, em 2011, servir de referência para a contratação na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental em todo o país.

O projeto inclui uma lista com 20 características que todo profissional de Educação deve ter. Nesta reportagem, essas habilidades foram reagrupadas em seis tópicos, ilustrados com os depoimentos de professores que já as desenvolveram. Vindos de diferentes pontos do país, eles explicam como o aprimoramento é importante em sua prática. "Para promover a aprendizagem dos alunos,

é fundamental desenvolver-se continuamente: olhar para a própria trajetória profissional, perceber falhas, saber o que ainda falta aprender e assumir o desafio de ser melhor a cada dia", resume Angela Maria Martins, doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e pesquisadora da Fundação Carlos Chagas (FCC).

De fato, não é mais possível dar aulas apenas com o que foi aprendido na graduação. Ou achar que a tecnologia é coisa para especialistas. Trabalhar sozinho, sem trocar experiências com os colegas, e ignorar as didáticas de cada área são outras práticas condenadas pelos especialistas quando se pensa no professor do século 21. Planejar e avaliar constantemente, acreditando que o aluno pode aprender, por outro lado, é essencial na rotina dos bons profissionais.

Essa nova configuração no perfil profissional está embasada em medidas governamentais e em pesquisas sobre a prática docente e o desenvolvimento infantil (*leia as linhas do tempo distribuídas ao longo da reportagem*). Antes, achava-

mos que a principal função do professor era passar o conhecimento aos alunos. Jean Piaget, Lev Vygotsky e outros estudiosos mostram que o que realmente importa é ser um mediador na construção do conhecimento e isso requer uma postura ativa de reflexão, autoavaliação e estudo constantes", diz Rubens Barbosa, da Universidade de São Paulo (USP).

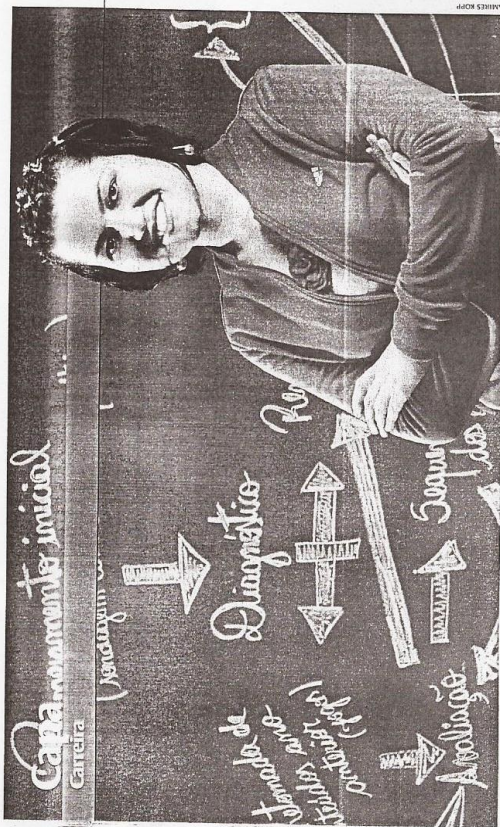
Tudo isso, é claro, porque os alunos também não são os mesmos de décadas atrás – longe disso. Com a democratização do acesso à internet, no fim dos anos 1990, passamos a ter nas escolas crianças que interagem desde cedo com as chamadas tecnologias de informação e comunicação, o que exige um olhar diferente sobre o impacto disso na aprendizagem. Finalmente, não podemos nos esquecer de que esses estudantes conectados têm uma relação diferente com o tempo e com o mundo, o que coloca desafios para a docência. A boa notícia é que há muita gente encarando esse novo mundo nas escolas. Nas próximas páginas, você conhece as histórias de seis professores que estão firmes nesse caminho.

UNIVATES  
www.ne.org.br  
47









#### PLANEJAR E AVALIAR SEMPRE

### Observar para reorientar o trabalho

"Comecei a dar aula aos 18 anos, enquanto cursava o Magistério. Na época se falava pouco em planejamento. Avaliação era sinônimo de prova e nada mais. Foi na licenciatura em Matemática que entendi a importância de usar métodos avaliativos para chegar o que de verdade os alunos aprenderam e a consistência das estratégias de ensino para reorientar o trabalho em sala. Minha escola tem um currículo bem estruturado e sei quais são as expectativas de aprendizagem para cada conteúdo. Como leciono para o 6º ano, ter clareza do que os alunos dominam em relação ao programa do segmento anterior é fundamental para garantir que eles acompanhem o andamento das atividades. Começo

sempre com uma sondagem e, com base nesse levantamento, programo maneiras de retomar o que não foi aprendido. Na hora de introduzir um conteúdo, proponho situações diversas antes de entrar na teoria propriamente dita, que evitam a aprendizagem de fórmulas e definindo estratégias e fórmulas e sistematizando o que vimos na prática. Durante todo o ano, vou se alternando os momentos de planejamento, as aulas e a avaliação - que não se baseia apenas em provas. Observo e registro as estratégias usadas pelos alunos, as dificuldades e os avanços deles, além de anotar os cadernos. Assim, procuro não deixar as dúvidas se acumularem e logo intervir. Quando identifico alunos com dificuldades, me concentro em ajudá-los, enquanto quem está em dia

#### CURRÍCULO E AVALIAÇÃO GANHAM DESTAQUE

Saber o que ensinar e checar a aprendizagem da turma constantemente são a base do trabalho docente

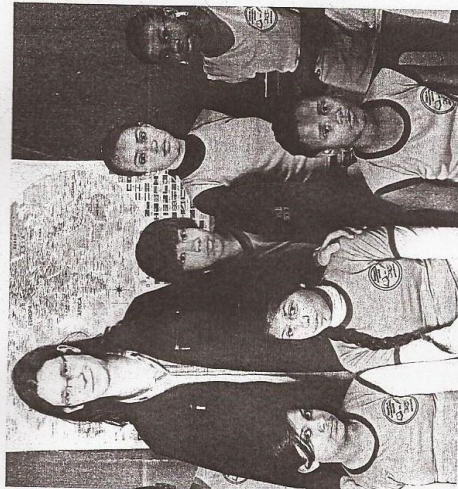
1990	1996	1998	2000	2005	2008
É criado o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), que permite às equipes escolares analisar a qualidade do ensino oferecido, em nível nacional e regional.	Com a LDB, se discutiram as discussões sobre o currículo nacional e os conteúdos mínimos. O MEC passa a realizar encontros regionais e nacionais sobre o tema.	Os PCNs trazem a primeira tentativa de uma matriz curricular nacional para os conteúdos mínimos. Os PCNs também estabelecem os eixos e explicitar os objetivos de cada área.	O país participa pela primeira vez do Programa Internacional de Avaliação de Matemática (PIAAC), que avalia a qualidade do ensino em outros países.	O país participa pela primeira vez do Programa Internacional de Avaliação de Matemática (PIAAC), que avalia a qualidade do ensino em outros países.	O país participa pela primeira vez do Programa Internacional de Avaliação de Matemática (PIAAC), que avalia a qualidade do ensino em outros países.

52 OUTUBRO 2010 [www.ne.org.br](http://www.ne.org.br)

#### TER ATITUDE E POSTURA PROFISSIONAIS

### Todos os alunos podem aprender

"Meu primeiro trabalho na rede pública foi com turmas de 6º, 7º e 9º anos e, no início, me senti desanimado. Os alunos eram indisciplinados, não tratavam bem uns aos outros e discutiam bastante. O contexto social em que viviam era difícil e cheguei a questionar se seria mesmo possível ensinar diante dessas circunstâncias. Mas, em vez de desistir, resolvi investigar melhor o perfil da disciplina - e isso fez toda a diferença no meu trabalho. Percebi que, ao não se sentirem ouvidos, os jovens perdiam o interesse pelas aulas. Era necessário valorizar o que eles sabiam e, sobretudo, respeitar seu cotidiano. Fiz isso, por exemplo, quando discuti a situação dos negros hoje, trazendo um paralelo com as questões históricas da escravidão. Oví o que pensavam sobre isso: muitos citaram o preconceito contra um grande problema vivido por eles. Assim, a aprendizagem do conteúdo não ficou a fazer sentido e eles passaram a ficar mais atentos às aulas. Ainda assim, se surgia alguma briga, eu deixava o aluno que, como qualquer outro lugar, a sala de aula também tem normas de convivência. Em vez de impor regras, coloquei o tema em discussão e os alunos diminuíram. O que me fez mudar a postura foi a creche de que todos, independentemente de seu histórico e comportamento, têm a capacidade e o direito de aprender. E por isso, devemos sempre esperar o melhor de cada um. Todo docente deve analisar cada caso, olhar para as dificuldades de convivência, pensar em estratégias para sanar os problemas e criar o melhor ambiente para a aprendizagem. Envolver os pais nesse processo ajuda. Deixo claro para eles que é essencial



**LEANDRO PEREIRA MATOS,**  
26 anos, professor de História na EM União da Beira, em Juiz de Fora, a 276 quilômetros de Belo Horizonte

#### QUE SABER MAIS?

**Contatos**  
Clep Municipal Alexandre Bacchi, tel. (34) 342-4414, [unioedbeira@ufmg.gov.br](mailto:unioedbeira@ufmg.gov.br)  
EMEF Antonio Santos, tel. (34) 342-4414, [emefantoniosantos@ufmg.gov.br](mailto:emefantoniosantos@ufmg.gov.br)  
EMEF Professora Mariana de Oliveira Pereira Santos, tel. (34) 342-4414, [emefmarianadeoliveira@ufmg.gov.br](mailto:emefmarianadeoliveira@ufmg.gov.br)

**EM Professor Aderbal Galvão,** tel. (31) 3322-4100, [empadefgalvao@hotmail.com](mailto:empadefgalvao@hotmail.com)  
EM União da Beira, tel. (32) 3690-7895, [unioedbeira@ufmg.gov.br](mailto:unioedbeira@ufmg.gov.br)  
EMEF Professora Mariana de Oliveira Pereira Santos, tel. (32) 3690-7895, [emefmarianadeoliveira@ufmg.gov.br](mailto:emefmarianadeoliveira@ufmg.gov.br)

**Artemides da Silva,** tel. (48) 3284-5836, [artemides@ufmg.gov.br](mailto:artemides@ufmg.gov.br)  
Internet  
Em [consultadocente.nep.gov.br](http://consultadocente.nep.gov.br), clique em "Pesquisar" e digite o nome de Ingresso na Carreira Docente.

**NO ARQUIVO DO SITE**  
[www.ne.org.br](http://www.ne.org.br) digite na busca "Carreira" e "Formação".

#### O PROFESSOR SE TORNA AGENTE DA EDUCAÇÃO

Investir no estudante e discutir políticas públicas também é papel de quem leciona

1960	1990	1996	2005
Começa a ser discutido um novo conceito de educação baseado na ideia de saber da criança e do professor como mediador da aprendizagem.	Nessa década, com a chegada a rede pública de milhões de alunos que ingressaram no sistema de ensino, o professor passou a ter de reaver sua concepção de ensino.	Os ciclos no Ensino Fundamental, a LDB dá aos professores a possibilidade de trabalhar com o tempo maior para aprender.	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) permite ao professor avaliar o desempenho de sua escola e da rede em que leciona.

53 [www.ne.org.br](http://www.ne.org.br) OUTUBRO 2010



## ANEXO G – Ideias que jogam contra o ensino

Trabalho em grupo sempre gera indisciplina

Os alunos aprendem mais quando a atividade é lúdica

Para os pequenos, livros ilustrados e com texto curto são os melhores

A função mais importante da escola é formar cidadãos

A cópia e a repetição são boas estratégias de ensino

Creche é um mal necessário

**N**a Antiguidade, os gregos criaram os mitos para explicar o inexplicável, como os fenômenos da natureza. Ratos e trovões, por exemplo, eram mandados por Zeus, o deus do céu. Ainda hoje existem mitos, muitos deles não por falta de explicações científicas, mas pelo desconhecimento sobre eles. No mundo da Educação, isso é recorrente e conceitos equivocados e sem comprovação são difundidos e reforçados para justificar algumas práticas.

Um dos principais é o de que criança pobre não aprende, surgido em resposta à universalização do ensino no Brasil – a chegada à escola das camadas mais pobres da população, até então privadas desse direito. Sem acesso à leitura, à informação e a manifestações artísticas no meio familiar, o capital cultural, nas palavras de Pierre Bourdieu (1930-2002), grande parte desses alunos é condenada ao fracasso escolar. De fato, esse repertório facilita a aprendizagem, mas não é determinante para o destino deles.

Em pleno século 21, não é mais possível crer que o pouco acesso a bens culturais, a pobreza e a falta de participação dos pais na vida escolar dos filhos sejam decisivos para a não-aprendizagem – e levem à reprovação. “Se as crianças vivem em condições mais duras, cabe justamente à escola compensar esse problema”, diz Maria do Pilar Lacerda Almeida

e Silva, secretária de Educação Básica do Ministério da Educação (MEC). A ciência mostra que todos podem aprender. Ao longo do século 20, muitas pesquisas foram feitas para entender melhor o desenvolvimento da inteligência, a forma como a criança aprende e os meios de potencializar o trabalho em classe. O desconhecimento sobre os resultados desses estudos também alimenta os mitos que povoam nossas escolas. A importância da interação em sala de aula, por exemplo, que coloca o aluno como protagonista no processo de aprendizagem, ainda está distante da realidade.

Os saberes disponíveis hoje podem ajudar você, educador, a enfrentar problemas como a repetência e a indisciplina. “Precisamos desenvolver práticas pedagógicas que permitam ensinar todos. Afinal, aprender é um direito constitucional. Não se trata de fazer mais do mesmo, mas oferecer um ensino diferente. Os alunos agora são outros”, diz José Francisco Soares, professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Nas próximas páginas, ESCOLA ouviu 15 especialistas para ajudar você a entender por que cada um deles não se sustenta e os motivos pelos quais é necessário derrubá-los. Essa reflexão pode contribuir para eliminar falsos obstáculos na sua prática e oferecer um ensino diferente e, com certeza, melhor.

\* Autores que sugeriram a reportagem:  
ANIL CONCALVES, São Paulo, SP; MARIA LEDA TORRES, Curitiba, PR; MILENA DOS SANTOS SOUZA, Feira de Santana, BA; NATÁLIA DE LUCA, São Paulo, SP; REJANE MARIA OLIVEIRA MONTEIRO, Anápolis, PA; e VALDEIDE MACEDO MOREIRA, Boa Vista do Gurupi, MA

Capa  
Prática pedagógica

REPORTAGEM  
SUGERIDA  
POR 6  
LEITORAS\*

# Ideias que jogam contra o ensino

Criança pobre não aprende. Meninos são melhores em Matemática. A repetência sempre melhora o desempenho... Recorrentes na escola e sem embasamento científico, essas ideias poucas vezes são tema de questionamento. Nesta reportagem, convidamos você a refletir sobre 15 delas. Vale a pena analisar como interferem em sua prática. Seus alunos vão agradecer

ELISÂNGELA FERNANDES  
novaescola@atletor.com.br

Muitos pais não aprendem porque não têm condições de acompanhar os filhos

Conhecimento dado é conteúdo aprendido

Para ser um bom profissional é preciso ter dom e vocação

ILUSTRAÇÃO: GUZZELLI

36 MARÇO 2011 www.novaescola.org.br

www.novaescola.org.br MARÇO 2011 37



## Capa

Prática pedagógica

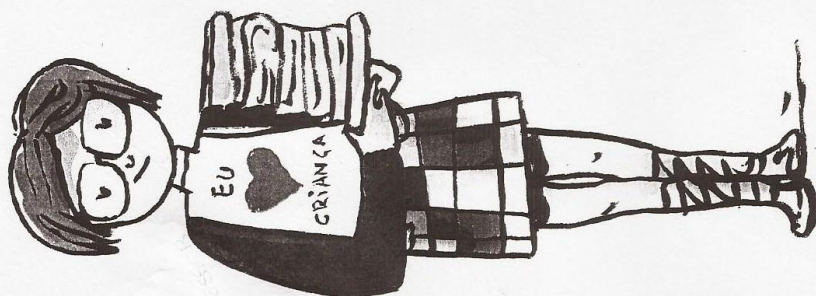
### 1 Para ser um bom professor é preciso ter dom e vocação

**Por que é um mito** A docência não é uma capacidade inata, e sim uma carreira que, como outras, pressupõe esforço pessoal e formação que possibilitem o domínio de aspectos teóricos e práticos ligados à aprendizagem.

**Por que derrubá-lo** Um dos grandes desafios do país é a revalorização da carreira docente – com bons salários e condições de trabalho dignas para os educadores. Para que isso ocorra, é necessário que todos tenham acesso à formação inicial e continuada de qualidade. Só com estudos constantes, planejamento e dedicação, é possível ser um bom professor, ou seja, ensinar todos os estudantes.

**“Não é admissível que alguém leccione apenas porque gosta de crianças ou acredita que leva jeito. A docência exige conhecimentos científicos.”**

CARLO ROBERTO JAMIL CURY, professor titular aposentado da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).



### 2 A formação mais importante da escola é formar cidadãos

**Por que é um mito** Não se pode desvalorizar a cultura escolar propriamente dita por dar mais importância à dimensão extracurriculares.

**Por que derrubá-lo** Não há como ser contra oferecer uma Educação Integral aos estudantes e ensiná-los para a cidadania – ideia que começou a chegar à escola no fim do século 19. Nos últimos anos, inúmeros temas foram incorporados de maneira mais significativa ao currículo com esse sentido: cidadania e à cultura.

**“As aprendizagens escolares são uma condição fundamental da cidadania. Ninguém é cidadão, de corpo inteiro, se não conhecer a língua e a história, a matemática e as ciências, a filosofia e as artes.”**

ANTÔNIO NÓVOA, educador português e reitor da Universidade de Lisboa.

### 3 Criança pobre não aprende

**Por que é um mito** Todos podem aprender, independentemente de sua condição socioeconômica.

**Por que derrubá-lo** A ideia de que crianças das camadas mais pobres não avançam nos estudos é fruto de um deficitário histórico do país com a Educação. Somente na década de 1990, o Brasil conseguiu ultrapassar a marca de 90% da população de 7 a 14 anos no Ensino Fundamental – hoje esse índice é de 97,6%. Isso possibilitou a inclusão na escola de milhares de crianças, cujos pais, em sua maioria, estiveram fora do sistema de ensino. Muitas chegaram – e ainda chegam – às salas de aula sem nunca ter tido acesso a livros, revistas e jornais, por exemplo. Esses, no entanto, não são motivos para que haja dificuldades na compreensão dos conteúdos. Se o país avançou na ampliação do acesso e estudar é um direito universal, cabe agora ao sistema oferecer um ensino de qualidade, garantindo a permanência de todos nas salas de aula. A solução é permitir que cada estudante avance do ponto em que está. Ao fim da Educação Básica, espera-se que todos tenham as mesmas oportunidades, independentemente de seu contexto econômico e social. Para que isso ocorra, vários fatores são essenciais: formação inicial e continuada de qualidade para a equipe escolar, infraestrutura, um currículo coerente com a realidade local e um acompanhamento constante.

**“A escola é, por excelência, o espaço da garantia da aprendizagem.”**

**Se o contexto social dos alunos não contribuir, cabe a ela proporcionar as oportunidades necessárias.”**

MARLENE DO PILAR LACERDA E SILVA, secretária de Educação Básica do Ministério da Educação (MEC).

### 4 Educação se aprende em casa. Cabe à escola apenas ensinar os conteúdos

**Por que é um mito** A escola, além de dar conta do currículo das disciplinas, também é um espaço de socialização, em que se aprendem regras de convivência e o respeito às diferenças.

**Por que derrubá-lo** É papel da família, sem dúvida, orientar as crianças para que elas dominem algumas regras básicas de conduta. Essa tarefa, entretanto, não é apenas uma atribuição dos pais. A escola também é responsável por ensinar regras coletivas, que são valorizadas pela cultura da sociedade de que ela faz parte, e que nem sempre são seguidas em casa. É essencial para os estudantes ter outros adultos como referência, além da própria

família. O professor, certamente, é um deles e, por isso, pode causar um impacto muito positivo na vida deles.

PATRICIA MOTA CUEDES, pesquisadora da Fundação Itaú Social, em São Paulo.

**“As crianças não devem ser subestimadas, e sim concebidas como leitores plenos desde antes da alfabetização.”**

ELIZABETH D'ANGELO SERRA, secretária geral da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.



**Por que é um mito** Desde cedo, as crianças precisam ter contato com bons livros, não só com belas ilustrações, mas também com narrativas de qualidade. Isso é o que torna a leitura prazerosa.

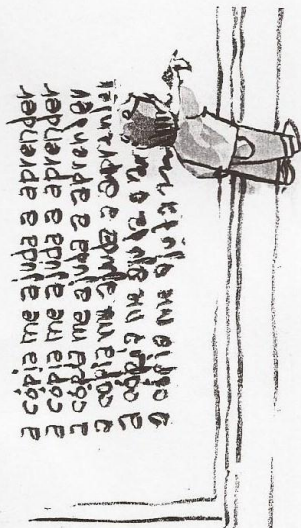
**Por que derrubá-lo** No passado, o primeiro livro era um presente para as crianças que aprendiam a ler. Hoje, no entanto, está comprovado cientificamente que quanto mais cedo elas entram em contato com o mundo das letras, maiores as possibilidades de se tornarem futuras leitoras. Publicações com poucas palavras ou frases soltas podem parecer mais adequadas às turmas que ainda não foram alfabetizadas – mas acabam somente passando a ideia de que a leitura é sempre rápida e fácil. Ouvindo textos maiores e melhores, os pequenos ampliam progressivamente a capacidade de ouvir e de se concentrar. Ao ter a oportunidade de conhecer a boa literatura, eles entendem, de fato, por que vale a pena ler.

5 Para os pequenos, livros ilustrados e com texto curto são os melhores



## Capa Prática pedagógica

### 11 A cópia e a repetição são boas estratégias de ensino



**Por que é um mito** Apenas copiar ou fazer exercícios repetitivos não garante a aprendizagem dos alunos.

**Por que derrubá-lo** Apesar de serem práticas comuns em muitas escolas, as cópias e outras atividades de repetição por si só não ajudam a criança a avançar. Passar longos textos do quadro para o caderno ou resolver inúmeros exercícios

do mesmo tipo consome um tempo precioso da aula, que poderia ser mais bem aproveitado com outras situações didáticas desafiadoras. A ideia não é abolir de vez essas estratégias, mas só empregá-las quando houver contribuição para o aprendizado de determinada habilidade, como jogar várias vezes o mesmo jogo para aprimorar suas estratégias.

**"Para aprender não é suficiente repetir um conteúdo ou memorizá-lo. Somente é possível aprender quando há reflexão sobre aquilo que se faz."**

LINO DE MACEDO, professor do Instituto de Psicologia da USP.

### 12 Trabalho em grupo sempre gera indisciplina

**Por que é um mito** O movimento em classe e a troca de ideias podem gerar barulho, mas isso não é sinônimo de desordem. Muitas vezes, um ambiente quieto e o "bom comportamento" podem esconder dúvidas e problemas de aprendizagem.

**Por que derrubá-lo** A atividade em grupo, em muitas situações, é a dinâmica mais eficiente e pode trazer melhores condições de aprendizado. A interação favorece a cooperação, possibilita que os

**"Quando o trabalho em grupo é orientado e supervisionado, os estudantes se sentem envolvidos e se dispõem."**

MARIA SUZANA DE STEFANO MENIN, professora da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), campus de Presidente Prudente.

estudantes entendam pontos de vista mais próximos dos seus e até revejam seus argumentos. Em geral, os mais curiosos, questionadores, que levantam dúvidas, trazem informações de seu cotidiano e contrapõem ideias são aqueles que mais aprendem. Quando a proposta é adequada aos objetivos e motiva a todos, é grande a possibilidade de bons resultados. O importante, aqui, é acompanhar de perto o trabalho de cada grupo para garantir a produtividade.

### 13 É papel da escola elevar a autoestima dos estudantes

**Por que é um mito** A principal função da instituição é ensinar os conteúdos curriculares. Não é por meio de elogios, rasgados e premiações para os que fazem as tarefas mais rapidamente que a gavetada vai se sair bem.

**Por que derrubá-lo** O aluno se sente capaz quando reconhece que aprendeu algo e, para que isso ocorra, é preciso que o professor saiba o nível em que está cada um. Vale lembrar que aprendemos com os erros e a avaliação eficiente é capaz de apontar em quais aspectos cada um pode melhorar. Somente boas condições de aprendizagem podem contribuir para elevar a autoestima rebaixada em relação ao desempenho escolar insuficiente.

**"Muitas vezes, o fracasso escolar é atribuído a problemas emocionais ou psicológicos. Porém a principal causa dele são condições inadequadas de aprendizagem em classe."**

SUELI EDI RUFINI, professora do Centro de Educação, Comunicação e Artes da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

### 15 Conteúdo é conteúdo aprendido

**Por que é um mito** Ensino e aprendizagem são processos distintos. O professor ensina, propõe atividades e problemas, mas isso não significa que todos aprendam da mesma forma.

**Por que derrubá-lo** Dar conta de todo o programa é um desafio. Por outro lado, não adianta prosseguir com o cronograma se os alunos não estiverem entendendo. Seguir para o próximo assunto e ignorar aqueles que estão com dificuldade pode trazer impactos cada vez mais difíceis de superar. Quando necessário, é preciso voltar ao mesmo assunto com outras formas de abordagem.

**"Não é possível culpabilizar o aluno pelo fracasso. Se o contexto social não é favorável, o investimento educacional precisa ser muito maior."**

TELMMA WEISZ, superintendente do Programa Ler e Escrever, da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo.

aluno e valorizem o seu esforço em superar limites. Para planejar a primeira condição é conhecer o que todos já sabem. Assim, você não apresenta um desafio tão difícil que possa desmotivá-los nem tão fácil que os desestimele a dedicar tempo a ele.

**"Brincadeiras e jogos não devem ser utilizados como recurso para que os alunos façam uma atividade. A motivação precisa ser a aprendizagem."**

BERNARDO CHANLOT, professor visitante na pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

**Atualizada**  
**Avulsos** - **Processos Psicológicos e o Contexto Social na Escola**, Evelyn Borucki e José Aloysio Burnet (orgs.), 280 págs., Ed. Vozes, tel. (24) 2233-9000, 45,30 reais  
**Da Relação com o Saber**, Bernard Charlot, 94 págs., Ed. Artemed, tel. 0800-703-3444, 41 reais  
**Escritos de Educação**, Pierre Bourdieu, 256 págs., Ed. Perspectiva, tel. 0800-703-3444, 41 reais  
**História da Indisciplina Escolar**, Cintia Copit Freiler, 251 págs., Ed. Casa do Psicólogo, tel. (11) 3034-3600, 45 reais  
**Professores**, Antônio Nóvoa, 192 págs., Ed. Perspectiva, tel. 0800-703-3444, 41 reais  
**www.portoeditora.pt**, 14,99 euros

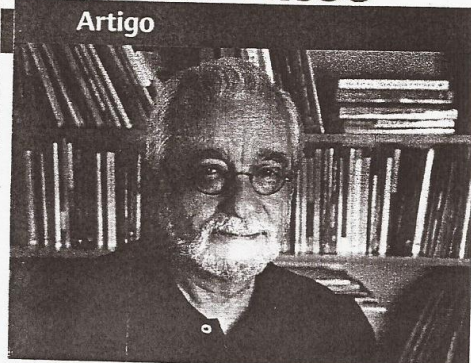
NO ARQUIVO DO SITE  
Em [www.novoescola.org.br](http://www.novoescola.org.br), digite na busca "profissão", "família", "grupo", "repetência" e "indisciplina".



## ANEXO H – Será que existe professor (a) ideal?

## Pense nisso

Artigo



LUIS CARLOS DE MENEZES

## Será que existe professor(a) ideal?

Pouco serve idealizar educadores. Porém é possível apontar qualidades de gente de verdade, que faz um bom trabalho em condições reais

Visitando escolas, encontro casos de excelência no trabalho coletivo de professores, assim como de atuações individuais excepcionais. No entanto, ao dar destaque a eles, tenho sido questionado por alguns leitores sobre eventuais idealizações de minha parte. Segundo eles, os personagens de meus exemplos provavelmente não teriam o mesmo desempenho se encarassem condições adversas, como violência, indisciplina e problemas de infraestrutura ou de ordem material.

Em respeito a essa preocupação, reitero que não falo de professores notáveis, com superpoderes e capazes de qualquer proeza, em qualquer situação. É preferível valorizar o trabalho de profissionais que fazem o possível nas circunstâncias que enfrentam, com os recursos de que dispõem.

Idealizações são artificiais, como as imagens tão comuns em propagandas de carro de luxo, que mostram ao volante um jovem atlético, sorridente e ousado, mesmo quando se sabe que a maioria dos proprietários é mais velha, séria e cautelosa. A intenção é facilitar a venda, associando esse virtual comprador ao produto.

A Educação, porém, não deve estar a serviço dos valores do mercado, e sim da sociedade. Logo, as qualidades que destacam professores nada têm de publicitárias. Eu as encontro em educadores que gosto de ver no comando das salas de aula brasileiras. Vejamos quais são, em minha opinião, essas características:

- Lucidez para não esperar alunos ideais, que já cheguem motivados, atentos e com os pré-requisitos desejados. Esses

professores trabalham com os que de fato recebem e, na medida de suas possibilidades, enfrentam os desafios que se apresentam. Por isso, quase nunca se decepcionam ou se frustram.

- Respeito próprio para não aceitarem condições impróprias de trabalho, nem se limitarem a reclamar delas. Ao contrário, eles buscam transformá-las por saberem que um ambiente mais satisfatório para eles será também mais efetivo para o aprendizado de seus alunos.

- Comprometimento com a formação dos estudantes de forma que, além de ministrarem suas disciplinas, também se articulem com colegas e coordenadores em torno de ações educativas conjuntas. Sem isso, não se efetivaria o projeto pedagógico da escola.

- Consciência do próprio valor e da importância dos conhecimentos e das competências que promovem. Por isso, esses profissionais não se acomodam com o que já sabem, mas buscam aperfeiçoamento didático e cultural permanente. A partir dessa atitude, de recusa à passividade, esses docentes também rejeitam gestões pedagógicas burocráticas.

- Solidariedade para quem necessita de mais atenção, como alunos e colegas de trabalho em situação difícil.

- Coragem para intervir quando é preciso tomar decisões complicadas, como mediar conflitos, mostrando que a atitude justa não é de indiferença ou neutralidade.

Professores que mesclam, em parte ou integralmente, essas qualidades, realmente existem e constituem uma referência de conduta importante nas escolas

“É preferível valorizar o trabalho de profissionais que fazem o possível nas circunstâncias que enfrentam, com os recursos de que dispõem.”

em que trabalham. Por isso, as instituições que os recebem são privilegiadas. Esses profissionais não são geniais ou perfeitos, mas nunca paro de aprender com eles. Também não me canso de citá-los em conversas informais, palestras e nesta coluna.

Mas não é necessário, e nem sequer possível, reunir todos eles em um único tipo ideal. Além disso, minha seleção é muito variada e inclui gente expansiva e tímida, jovem e madura, comunicativa e reservada, simples ou descolada.

Você sabe que não se fazem estátuas de educadores assim, mas eles podem ser encontrados ensinando em qualquer escola, na sua, inclusive. E, quem sabe, usando seus sapatos.

LUIS CARLOS DE MENEZES  
(pensenisso@abril.com.br)  
é físico e educador da  
Universidade de São Paulo (USP).



## ANEXO I – Caminhos que levam a um aprendizado melhor

## Pesquisa em Educação

## Caminhos que levam a um aprendizado melhor

*Análise de 165 estudos confirma que professores bem preparados e turmas menores dão bons resultados*

ELISÂNGELA FERNANDES [elisangela.fernandes@abrill.com.br](mailto:elisangela.fernandes@abrill.com.br)

**O** que um professor, um diretor de escola e um gestor de políticas educacionais podem fazer para melhorar a aprendizagem dos alunos? Em busca de respostas a essa pergunta, o movimento Todos pela Educação e o Instituto Ayrton Senna decidiram investigar o que de melhor a comunidade científica produziu sobre o tema na última década. Ao longo de quatro anos, um time de pesquisadores – capitaneado pelo economista Ricardo Paes de Barros – analisou 165 trabalhos desenvolvidos no Brasil e no exterior. Ao fim dessa análise, os dados foram compilados. E agora tomaram-se públicos, ao alcance de qualquer cidadão, no portal de internet Caminhos para Melhorar o Aprendizado.

O conteúdo do site foi organizado em cinco grandes áreas de interesse dos educadores: recursos da escola, plano e práticas pedagógicas, gestão da escola, gestão da rede de ensino e condições das famílias. “O objetivo é apresentar de forma ordenada o que esse vasto conjunto de estudos científicos tem a dizer sobre o desenho de políticas públicas voltadas à promoção do aprendizado”, diz o economista.

Das 165 pesquisas analisadas, 25 foram produzidas no Brasil. A revisão bibliográfica só levou em consideração trabalhos com amostra de pelo menos 2 mil alunos ou 100 escolas/sistemas educacionais. Outro critério adotado pelos revisores foi avaliar apenas estudos que também consideraram elementos externos, como a situação socioeconômica dos estudantes.

Entre os principais fatores capazes de impactar positivamente a aprendizagem, destacam-se a formação, a experiência, a remuneração e os processos de seleção e certificação dos docentes, assim como o tamanho das turmas e a jornada diária dos alunos. Saiba mais nos quatro tópicos a seguir:

## 1 Boa formação e experiência fazem a diferença

O levantamento comprova que um bom professor exerce uma influência decisiva sobre o desempenho dos alunos. As pesquisas avaliadas demonstram, por exemplo, que um estudante pode aprender até 68% mais quando tem aulas com os melhores docentes.

Sobre a formação inicial do educador, o trabalho indica que, quanto mais ela estiver conectada à realidade da sala de aula, mais positivo é o impacto sobre o aprendizado. Segundo os pesquisadores, são três as características fundamentais de um professor bem preparado: domínio sobre o conteúdo, compreensão do processo de aprendizagem dos alunos e habilidade no gerenciamento da sua rotina profissional (boa administração do tempo, clareza de objetivos etc.).

Já em relação à experiência do docente, o estudo revela que o desempenho dos alunos pode ser até 22% maior quando ele tem pelo menos dois anos de prática no cotidiano escolar. Com base nesse dado, uma das ações sugeridas pelos pesquisadores é que os gestores passem a investir mais na capacitação em serviço dos professores recém-formados.

## 2 Salários mais altos motivam os docentes

Outra ideia ratificada pela revisão bibliográfica é a de que melhores salários, além de atrair professores mais qualificados para a rede de ensino, têm papel determinante na motivação e na dedicação desses profissionais. “A boa remuneração tem impacto positivo”



68%

É QUANTO UM ALUNO PODE APRENDER A MAIS QUANDO TEM AULAS COM OS PROFESSORES DE MELHOR QUALIFICAÇÃO.

FONTE: IITE CAMINHOS PARA MELHORAR O APRENDIZADO



# Pesquisa em Educação



44%

É O CANHO DE APRENDIZAGEM QUE PODE SER OBTIDO QUANDO O NÚMERO DE ALUNOS DE UMA TURMA É REDUZIDO EM 30%. FONTE: SEITE CAMINHOS PARA MELHORAR O APRENDIZADO

EDUARDO NUNES

## Questões em aberto

### Faltam pesquisas sobre o impacto da infraestrutura escolar e da formação continuada

Além de elencar fatores que influenciam positivamente a aprendizagem, a revisão bibliográfica de Eduardo Nunes e Ricardo Paes de Barros demonstrou que muitos outros aspectos da questão ainda precisam ser mais bem estudados. Exemplo disso foi a dificuldade encontrada pelos pesquisadores para avaliar o impacto da infraestrutura escolar sobre o desempenho dos estudantes. Alguns estudos sugerem que a proficiência dos alunos melhora quando há investimentos em infraestrutura. Mesmo assim, ainda não há dados que permitam avaliar o impacto da infraestrutura bibliotecária ou uma sala de informática na aprendizagem.

O mesmo ocorre quando se tenta mensurar a qualidade do professor. Os estudos desenvolvidos até agora indicam que alunos expostos aos melhores professores apresentam melhores resultados nos trabalhos. No entanto, se ficam apenas no resultado das avaliações dos estudantes, sem apontar quais competências fazem desses profissionais bons educadores. Os pesquisadores liderados por Paes de Barros também não encontraram estudos que analisem o impacto da formação continuada e em serviço. André Portela, integrante da equipe responsável pela revisão, reconhece que são poucas as pesquisas em Educação sendo feitas no país. "O Brasil avançou, mas é preciso produzir mais."

na aprendizagem ao estimular que o educador dedique mais tempo à preparação das aulas ou ao permitir que ele trabalhe em apenas uma escola, em vez de ter dois ou três empregos", afirma André Portela, professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e um dos pesquisadores envolvidos no projeto.

Alguns dos 165 estudos analisados demonstram ainda que concursos e certificações bem elaborados são instrumentos eficientes para a contratação dos melhores candidatos ao magistério. Esses mesmos processos de seleção, no entanto, podem restringir demasiadamente o acesso à profissão caso sejam compostos de muitas etapas. O motivo: muitos bons candidatos simplesmente não estão dispostos a fazer os investimentos necessários (não apenas de dinheiro, mas principalmente de tempo de estudo).

## 3 Turmas menores favorecem a aprendizagem

Ao compilar os resultados de 14 estudos que relacionam o tamanho da turma e o aprendizado dos alunos, os pesquisadores concluíram que diminuir em 30% o número de alunos em turmas muito numerosas (no Ensino Fundamental, com mais de 30 estudantes) pode significar o aumento de até 44% na aprendizagem. Os autores da revisão advertem, porém, que a magnitude desse impacto está associada ao contexto do sistema educacional, já que a redução do número de alunos por turma requer espaço físico e professores qualificados para atender à demanda criada pelo aumento no número de salas. Ou seja: antes de adotar políticas que prevejam essa iniciativa, é necessário avaliar a relação custo/benefício.

## 4 Jornada mais longa e de qualidade tem impacto positivo

As pesquisas comprovaram também que a ampliação do tempo de permanência dos alunos na escola é mais uma medida capaz de impactar positivamente a aprendizagem. Jornadas diárias mais longas significam mais tempo para desenvolver o currículo básico e melhores condições de oferecer suporte aos estudantes com dificuldade de aprendizado – além de representar, segundo os pesquisadores, uma oportunidade para aplicar diferentes estratégias de ensino.

Há evidências, porém, de que o impacto positivo só é obtido quando a ampliação do tempo de permanência na escola se dá pelo aumento do número de aulas, e não pela maior duração delas. Torná-las longas demais, acima de 50 minutos, pode levar a uma queda na proficiência, reduzindo o aprendizado.

O efeito da ampliação da jornada diária, de acordo com os responsáveis pela revisão bibliográfica, depende do nível de proficiência de cada aluno e do formato dado à extensão do horário. Os estudantes com maior dificuldade de aprendizado são os mais beneficiados por uma política dessa natureza. Para esses, o efeito mais significativo vem do aumento no número de aulas com duração mais curta. Já com os alunos que apresentam melhor desempenho, ocorre o contrário: eles parecem se beneficiar de um número menor de aulas um pouco mais longas.

### Quer saber mais?

Internet  
Em [paramulhoraaaprendizado.org.br](http://paramulhoraaaprendizado.org.br), todas as conclusões do levantamento.



# Políticas públicas

# Buscar os melhores

Painel de especialistas organizado pela Fundação Victor Civita aponta oito caminhos para atrair bons candidatos para atuar em sala de aula

VAN PAGANOTTI novaescola@atleitor.com.br

**P**ara apontar saídas para a crise de atividade da carreira docente, a Fundação Victor Civita (FVC) e a Fundação Carlos Chagas (FCC) reuniram, em novembro do ano passado, 17 especialistas de diversas áreas da Educação. O resultado foi um rico conjunto de ideias reunidas em oito proposições práticas para que seja possível selecionar e manter na sala de aula – os melhores candidatos da Escola – os melhores candidatos do Ensino Médio.

## 2 Propor bons planos de carreira

Em geral, as carreiras docentes no Brasil têm uma progressão muito burocrática, com promoções baseadas quase exclusivamente no tempo de serviço. União, Estados e municípios precisam criar caminhos para o docente evoluir sem ter de sair da sala de aula e virar coordenador ou formador, como ocorre hoje.

### 3 Melhorar as condições de trabalho

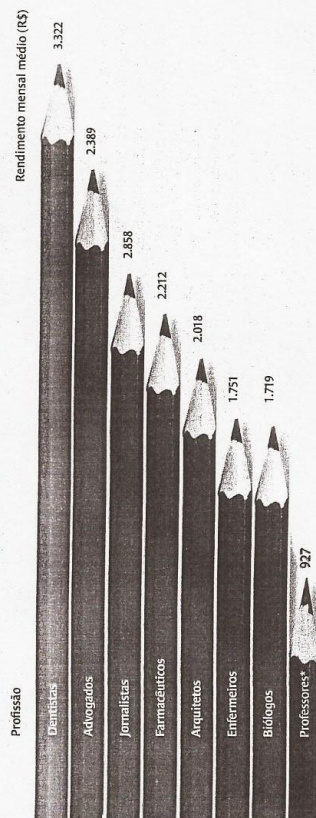
A falta de condições diz respeito tanto à estrutura material da escola quanto à dinâmica no ambiente escolar, onde a violência é um dos problemas mais graves (veja o gráfico na página seguinte). Um lo-

## Oferecer salários iniciais mais altos

Em comparação com outras profissões que exigem curso superior, a docência ainda ostenta as piores médias salariais (veja gráfico abaixo). A conta é simples:

**AINDA É POUCO**

Na comparação salarial com outras profissões de formação superior, a docência segue perdendo



ENTRE OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA. FONTE: PESQUISA PROFESSORES DO BRASIL: INICIATIVES E DEBATES COM BASE EM DADOS DA INEP, 2006

70 JANEIRO/FEVEREIRO 2010 [www.novaescola.org.br](http://www.novaescola.org.br)

## 7 Resgatar o valor do professor na sociedade

Por mais evidentes que sejam os problemas relacionados à docência, é necessário tentar equilibrar a cobertura midiática sobre a precariedade do ensino com iniciativas positivas para não desmotivar os futuros docentes. Pouco adianta enfatizar aspectos negativos, pouco adianta passar por investimentos na recuperação da infraestrutura e na preparação adequada de gestores e professores para se aproximar da comunidade, garantindo que todos aprendam e respeitem o papel social da escola e seu espaço.

#### 4 Focar a formação em serviço nas dificuldades em sala

Apesar de o Brasil investir muito em formação continuada, falta considerar o corpo docente de cada instituição deve compreender. "Muitas vezes, não se sabe quem é o professor, qual sua formação e o que ele precisa para melhorar sua prática", diz Maria Auxiliadora Rezende, ex-presidente do Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed). Uma alternativa é planejar atuações dentro da escola e não só em cursos externos. Nesse aspecto, os coordenadores pedagógicos têm um papel central: são eles que identificam os desafios e planejam a formação.

**5** Oferecer uma boa experiência escolar

e o estudante consegue aprender e tem uma boa relação com professores e colegas, tende a pensar mais na possibilidade de escolher a docência. "Precisamos de bons exemplos sobretudo na rede pública, pois é de lá que atualmente vem a maioria dos professores", avalia Mariliza de André, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

**5** Melhorar a formação inicial

Muitos docentes abandonam a carreira por causa da frustração de não ajudar os alunos a aprender. As deficiências de formação, que começaram na Educação Básica, se aprofundam nas Licenciaturas e nos cursos de Pedagogia – segundo pesquisa FVC/CC de 2006, apenas 28% das disciplinas de graduação curricular se destinam à formação profissional específica. A mudança passa pela transformação dos currículos das graduações de Educação, com mais espaço para as disciplinas específicas.

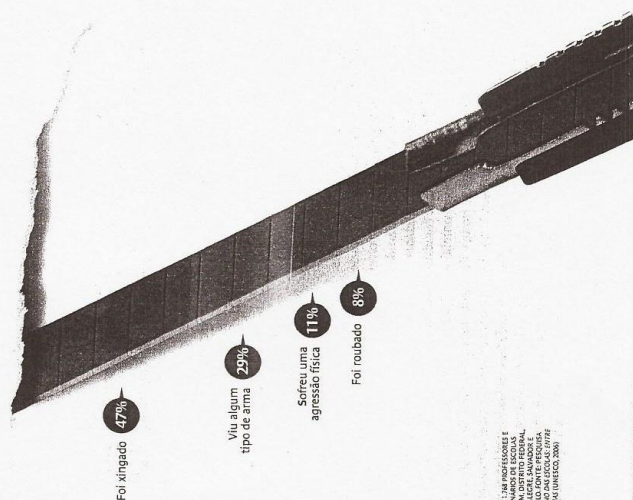
## 8 Tratar o professor como profissional

A ideia é desmontar a noção de que a docência exige um dom e um sacrifício. Os próximos do sacerdócio – trata-se de uma impressão disseminada entre os jovens, como mostra a sondagem da FVC/FCC. Não bastam atenção, paciência e boa vontade. É preciso reforçar o saber específico que o profissional possui: o conhecimento didático e o controle das ferramentas pedagógicas, algo que se constrói não apenas na graduação, mas ao longo de toda a trajetória profissional. **C**

## AMBIENTE RUIM

### Percepção de violência afugenta professores em potencial

No último ano em sua escola, você já...



ENTRE 1.748 PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS DE ESCOLAS DE BELÉM, DISTRITO FEDERAL, PORTO ALEGRE, SALVADOR E SÃO PAULO. FONTE: PESQUISA JORNALISMO DAS ESCOLAS. ENTRE JORNALISMO E LINGUAGEM, 2005.



## E AGORA, TELMA?



ALEXANDRE BATTIUGLI

### INCLUSÃO

## O que a escola deve fazer se contesta um laudo de síndrome de Asperger?

MARIA CEILA NASCIMENTO, Senador José Bento, MG

Se a instituição discorda do laudo feito, deve conversar com a família, esclarecendo as razões, e indicar profissionais que possam reavaliar o aluno. A síndrome de Asperger é uma forma branda de autismo, tem base genética e se manifesta principalmente por alterações nas interações sociais e na comunicação. Como não há exames de imagens ou laboratoriais que a comprovem, o diagnóstico se baseia em critérios comportamentais. Algumas características relacionadas a crianças com essa condição são demonstrar interesse exagerado por um único assunto, inflexibilidade com a rotina e as regras e dificuldade em entender o que outras pessoas pensam e sentem, tendo problemas para estabelecer contato visual e interpretar expressões faciais ou gestos. Ela parece

ser predominante em meninos, que também podem apresentar inteligência acima da média e excelente memória. Porém, erros por vezes ocorrem devido a associação com outros transtornos ou síndromes. Dessa forma, é válido que a avaliação seja feita por uma equipe multidisciplinar de especialistas, como neurologista, fonoaudiólogo, psiquiatra, psicólogo, entre outros profissionais. Também é essencial realizar exames para descartar outras possíveis causas dos comportamentos apresentados. Quanto mais precoce for o diagnóstico, melhor é para ajudar a criança em seu desenvolvimento, em sua independência e em sua integração social. É importante que o docente demonstre preocupação com o bem-estar do aluno e valorize o empenho e a apreensão dos pais.

**Telma Vinha**  
é professora de Psicologia Educacional da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e responde a dúvidas sobre comportamento

**NO SITE**  
[novaescola.org.br/telma-vinha](http://novaescola.org.br/telma-vinha)  
Envie sua pergunta e leia as respostas anteriores.

### DESCONTROLE INFANTIL

## Uma criança de 7 anos é agressiva. Quando procurar o conselho tutelar?

RAQUEL COSTA, Rio de Janeiro

Esse é o último recurso. Por mais difícil que o pequeno seja, é papel da escola planejar intervenções que o ajudem a lidar com a raiva, o descontrole e a impulsividade, substituindo atos agressivos por palavras. Um aluno assim pode gerar rejeição. Favoreça os vínculos de amizade dele brincando junto e auxiliando-o nos conflitos. Fique atenta às situações que desencadeiam a agressão e o ajude a lidar com as frustrações de outra forma. Acalme a criança e incentive-o a conversar com o colega. Pergunte: "Como ele pode saber quanto você está bravo sem que precise bater?". Acolha-a após as crises, ajude-a a conhecer outros modos de reagir e dê oportunidade para que compense ou repare o que fez. Na literatura, há vários procedimentos para enfrentar esse comportamento, como manejo da raiva e atividades de expressão de sentimentos. Vale estudá-los e elaborar um programa de intervenção e acompanhamento.

### GESTÃO DE SALA

## Sou estagiária e vou assumir a turma. Como fazer com que me obedeça?

ADRIANA SOUZA, Guanambi, BA

Não se preocupe com a obediência, e sim em construir uma boa relação com as crianças. Esse vínculo fará com que queiram manter o relacionamento com você. Planeje dinâmicas, jogos e histórias para os primeiros contatos. Seja coerente ao cobrar regras mostrando o porquê de elas existirem. Não terceirize sua autoridade, dizendo que vai contar à docente titular, aos pais ou à diretora e evite acusações e sermões. Quando precisar corrigi-los, use linguagem firme, descritiva e objetiva, como: "Não se coloca nada no ventilador". Também dê alternativas: "Não se joga bola na sala. Você prefere guardá-la ou jogar lá fora?". Se preciso, use sanções por reciprocidade, relacionadas à infração feita, como reparar o dano causado.



## E AGORA, TELMA?

### INSEGURANÇA

## Como ajudar um aluno que se diz burro e, por isso, não participa?

ÉSTER DE OLIVEIRA LÊE, São Bernardo do Campo, SP

Em geral, quando uma criança é constantemente julgada de forma negativa e tem experiências recorrentes de fracasso escolar, começa a acreditar que é incapaz. É preciso ajudá-la a construir novos significados sobre si mesma. Inicie esse processo identificando atividades em que tenha interesse e nas quais se saia bem. Por exemplo, se ela gosta de videogames, insira o tema nas atividades para motivá-la. Se tem curiosidade por dinossauros, traga o assunto para a sala de aula – em uma pesquisa ou em produções de textos, ilustrações etc. Ofereça também múltiplas propostas para que o estudante escolha as que se sente mais seguro em desenvolver. Não negue os sentimentos dele, pois dessa forma se sentirá incompreendido ou enganado. Ouça-o, repita de forma resumida a fala dele e, depois, dê a sua

opinião. Se necessário, sente-se com a criança durante uma atividade e a incentive, sem fazer a tarefa por ela. Seja menos rigorosa nos retornos, focando não apenas no resultado mas também na iniciativa e no esforço: “Que interessante! Você trouxe ideias sobre as quais eu nunca tinha pensado”. Equivocadamente, acreditamos que, ao censurar o aluno, ele vai buscar a superação. Contudo, ao criticarmos, apenas reforçamos o comportamento indesejado. Procure passar mensagens que traduzam valores e atitudes que pretende que o estudante desenvolva. Diga, por exemplo: “Gostaria que você tentasse. Veja quais tarefas consegue realizar do seu jeito. Aos poucos, irá se sentir mais seguro”. Por fim, além dos fatores psicológicos, vale analisar as lacunas de conhecimento da criança e, se necessário, encaminhá-la ao reforço.



**Telma Vinha**  
é professora de Psicologia Educacional da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e responde a dúvidas sobre comportamento

NO SITE  
[novaescola.org.br/telma-vinha](http://novaescola.org.br/telma-vinha)  
Envie sua pergunta e leia as respostas anteriores.

### INDISCIPLINA

## O que fazer quando há líderes na sala que tumultuam as aulas?

ANGELA CRISTINA SIMÃO, São José do Rio Preto, SP

Esses alunos costumam ser vistos como inoportunos e tratados com censura ou indiferença. Com isso, sentem que os saberes que têm não são valorizados. Faça o contrário: demonstre real interesse pelo que dizem, mesmo que, aparentemente, não tenha relação com o tema estudado. Aproveite as contribuições que estão trazendo visando incorporar as observações de cada um ao trabalho. Procure criar vínculo com os estudantes para que também considerem a sua opinião. Busque surpreendê-los utilizando uma abordagem diferente daquela a que estão habituados – com uma resposta bem-humorada, por exemplo. Outro aspecto a ser considerado é o limite. De maneira firme, com tranquilidade e sem atacar a dignidade de ninguém, valide as regras e os combinados elaborados pelo grupo sempre que necessário, evitando que os estudantes ajam a ponto de se tornarem inconvenientes. Aproveite ainda a liderança no sentido positivo, envolvendo-os em grêmios, rádio escolar etc.

### AVALIAÇÃO

## A criança estuda, mas entra em pânico nas provas. Como agir?

MARILZA DE OLIVEIRA MARQUES, Birigui, SP

A reação pode estar relacionada a um alto grau de ansiedade, que costuma surgir em alunos com baixo desempenho ou naqueles que se colocam um nível alto de exigência. O problema é agravado por alguns fatores. Analise qual o clima emocional da escola, como lida com o erro, se a competição é valorizada e como são as avaliações. Evite rótulos e cobranças. Use uma linguagem descritiva e mostre entender os sentimentos da garota: “Tem provas que realmente nos deixam tensos, mas...”. Ajude-a a relaxar e, se preciso, permita que use mais tempo para a prova ou a realize em outro momento. A ideia é contribuir para que ela identifique as emoções e desenvolva o autocontrole.



## NEURY RESPONDE

## MATEMÁTICA

**Quando o uso da calculadora ajuda no aprendizado?**

HEIDE ALVES FERNANDES, Palmeiras, BA

Disponível também em computadores e celulares, a calculadora está incorporada à prática social cotidiana. Na sala de aula, essa ferramenta pode ter uma função pedagógica importante ao ser utilizada pelo professor em propostas de investigação, levantamento de hipóteses e validação, de modo a favorecer a reflexão das crianças sobre os conhecimentos matemáticos. Nesse sentido, é possível usar o instrumento para ensinar o sistema de numeração decimal nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com situações-problema como: “A tecla do algarismo 2 da calculadora quebrou. Como fazer aparecer no visor o número 20?”; “O que acontece com o número 10 que está no visor se adicionarmos mais 10?”; “O que fazer para que o 25 se transforme em 5?” ou “O que acontece ao número 23 que aparece na calculadora se acrescentar a ele o algarismo zero no final?”. Questões como essas, abordadas de forma progressiva e sistemática, fazem com que os estudantes explorem o funcionamento do sistema de numeração, levantem hipóteses sobre as relações e grandezas matemáticas envolvidas e as validem com o uso da calculadora. Assim, com uma mediação didática adequada, eles têm a oportunidade de elaborar explicações e justificativas sobre sua organização e o valor posicional dos números. A ferramenta também pode ser utilizada para explorar as propriedades das operações. Nos anos finais do Ensino Fundamental, ela é útil para conferir resultados de cálculos realizados.

## LEITURA E ESCRITA

**Como desafiar crianças do 1º ano que já sabem ler, escrever e interpretar?**

JULIANA GARCIA, São Paulo

A escola está de parabéns por esse resultado, mas deve continuar ampliando as oportunidades de aprendizado delas, tendo em vista a conquista dos demais objetivos previstos para o ciclo inicial da alfabetização. Não basta saber ler e escrever convencionalmente. A turma precisa avançar no conhecimento sobre o funcionamento de práticas sociais de leitura e escrita e no comportamento diante delas. Invista em atividades que coloquem em jogo diferentes modalidades discursivas, como ler para encontrar informações em um texto ou em voz alta. Você pode propor trabalhos envolvendo diferentes gêneros literários, a exemplo da realização de um recital de poesias.

## ALFABETIZAÇÃO

**Em uma turma multisseriada, como ensinar alunos do 4º ano ainda analfabetos?**

GENIVALDE JESUS SANTOS, São Sebastião, AL

Como essas crianças ainda não leem e escrevem de forma convencional, as expectativas de aprendizagem previstas para o 4º ano precisam ser ajustadas, visando atender a necessidades específicas delas. As propostas didáticas devem contemplar as situações fundamentais de alfabetização, como leituras feitas pelo professor e pelo aluno e produções de texto elaboradas pelos estudantes e ditados ao docente. Também é necessário garantir que esse grupo tenha motivações reais para ler, escrever e comunicar saberes na escola e na comunidade, em práticas sociais de leitura e escrita significativas para essa faixa etária. Além disso, lance mão de trabalhos colaborativos entre os que têm diferentes saberes, como a elaboração de uma enciclopédia sobre animais de estimação.



VALTER PONTES

**Neurilene Martins**

é doutora em Educação e professora do curso de Pedagogia do Centro Universitário Jorge Amado (Unijorge) e responde a dúvidas sobre sala de aula

**NO SITE**  
[novaescola.org.br/neury-responde](http://novaescola.org.br/neury-responde)  
 Envie sua pergunta e leia as respostas anteriores.



## NEURY RESPONDE

## EQUIPE

## Fui coordenadora e quero contribuir com as reuniões. Como dosar isso?

JÁSIA APARECIDA OLIVEIRA, Paratinga, BA

Uma boa escola, Jásia, é aquela em que todos se corresponsabilizam pela qualidade do ensino. Desse modo, a sua preocupação em contribuir com o trabalho pedagógico é salutar. A diversidade de conhecimentos e experiências da equipe é um potencial a ser explorado, visando ampliar ações pedagógicas e de formação. Para que essas trocas sejam produtivas, no entanto, é preciso estar atenta às fronteiras das funções profissionais. Uma dica é sempre utilizar os fóruns devidos – reuniões pedagógicas e de planejamento – para compartilhar críticas, ideias e propostas de trabalho com a coordenação e os professores, evitando conversas difusas. Quando necessário, peça para conversar individualmente com a coordenadora, apresentando uma atitude de colaboração e evitando expô-la perante o grupo. Lembre-se de que a primeira contribuição para o trabalho coletivo é cumprir com qualidade a própria função, oferecendo bons modelos operativos aos colegas. Fazer planejamentos pertinentes, realizar registros da prática, compartilhar conhecimentos pedagógicos, desenvolver projetos em parceria, interessar-se pelo trabalho dos demais, pedir e oferecer ajuda são práticas que formam os professores em serviço. Tão importante quanto apresentar propostas é valorizar as boas ações existentes e compartilhar as dificuldades enfrentadas. Tudo isso humaniza as relações profissionais e faz com que todos os educadores ensinem e, ao mesmo tempo, aprendam mais sobre a profissão.

## EDUCAÇÃO FÍSICA

## Por que as crianças se recusam a praticar atividades de que não gostam ou que não dominam?

ALESSANDRA DOS SANTOS CORRÊA, Ijuí, RS

Cada aluno ingressa na escola com um conjunto de experiências socioculturais e repertórios cognitivo, afetivo e corporal. É comum a recusa inicial diante de propostas distantes de suas preferências ou que exigem habilidades pouco familiares e difíceis. A resistência pode surgir também quando ele não se sente confortável no grupo. Medo de errar, insegurança, timidez e desinteresse podem compor o quadro, principalmente se a aula enfatizar apenas o desempenho de cada um. Considere essas reações na avaliação diagnóstica da turma e procure ampliar as informações sobre os estudantes identificando preferências, potencialidades e limites individuais e coletivos. Ajuste, então, as propostas à realidade da turma. Progressivamente, todos podem ser incluídos nas atividades.

## RELIGIÃO

## Como proceder quando a mãe de um aluno o proíbe de participar de uma aula sobre lendas urbanas alegando motivos religiosos?

IVANOILDA AZEVEDO DE OLIVEIRA, Itaetê, BA

É fundamental que você e o coordenador pedagógico escutem as críticas dessa mãe e busquem compreender a lógica familiar. Em seguida, é hora de retomar a proposta pedagógica do ano em que o garoto está e usá-la para apresentar claramente os objetivos do trabalho. Mostre que a atividade não tem nenhuma função de doutrinação, catequese ou moralização. Lendas como *A Loira do Banheiro* ou *O Velho do Saco* são parte do universo cultural contemporâneo. Portanto, podem ser incluídas em propostas voltadas à formação de leitores e escritores proficientes no âmbito das práticas sociais. A apreciação e a produção de narrativas literárias de diferentes gêneros devem compor o portfólio dos estudantes durante toda a trajetória escolar.



WALTER PONTES

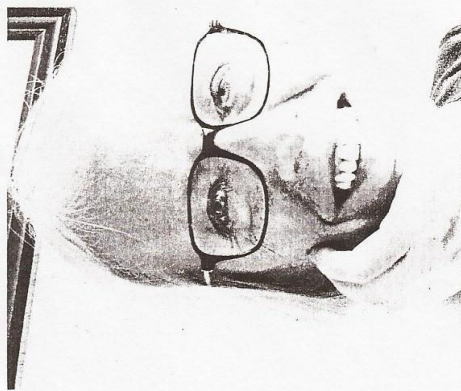
## Neurilene Martins

é doutoranda em Educação e formadora do Instituto Chapada de Educação e Pesquisa (Icep) e responde a dúvidas sobre sala de aula

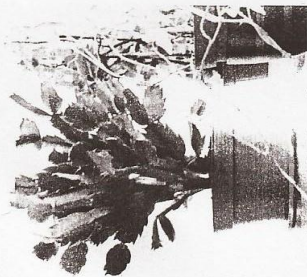
NO SITE  
[novaescola.org.br/  
neury-responde](http://novaescola.org.br/neury-responde)  
Envie sua pergunta  
e leia as respostas  
anteriores.



Fala, mestre! MYRIAM NEMIROVSKY



ARQUIVO PESSOAL



## “O docente que sabe o que vai fazer é mais seguro e capaz de intervir”

A pesquisadora argentina, especialista em formação de leitores e escritores, explica por que projetos e seqüências didáticas são fundamentais para organizar aulas em que todos aprendam

ANDERSON MOÇO anderson.moco@abril.com.br

**F**ormadora de professores para o ensino de linguagem escrita há 45 anos, a argentina Myriam Nemirovsky se tornou uma referência para docentes interessados em se aprofundar na área. Mestre em Educação no Centro de Investigação e Estudos Avançados do Instituto Politécnico Nacional, no México – onde foi orientada por Enília Ferreira – ela esteve no Brasil em outubro para ministrar uma palestra na Semana da Educação 2011, organizada pela Fundação

Víctor Civita (FVC). O tema: projetos e seqüências didáticas de leitura e escrita. Nesta entrevista à NOVA ESCOLA, ela trata de alguns pontos de sua explanação, como as condições básicas para a formação de alunos leitores e escritores, e aponta as vantagens de trabalhar com modalidades organizativas. “Planejar a prática escolar dessa forma deixa evidente a ideia de processo, conceito que é fundamental hoje em Educação. Os alunos passam por todas as etapas de pro-»

45 OUTUBRO 2011 novaescola.org.br

**O Sistema de Ensino que mais cresce no país.**

*Prova de que educação de qualidade faz todo mundo crescer.*

**SISTEMA**

# Maxi

**DE ENSINO**

ESCOLAS UNIVATES Lajeado

O Sistema Maxi de Ensino é o que mais cresce em quantidade, qualidade e satisfação de conveniências e alunos. E não é por acaso. Só ele oferece a Pedagogia Alévia, uma proposta que valoriza a razão e a emoção no aprendizado, além de material didático da educação infantil até o Pré-Vestibular. Proporciona também Assessoria Educacional para implementação do sistema nas escolas, Assessoria de Marketing e Escola de Pais no intuito de estimular a participação da família no dia a dia do aprendizado dos filhos, por meio da interação entre escola, pais e alunos.

**Sistema Maxi de Ensino. Faz mais, faz melhor.**

Saiba mais: 0800 400 7654 • [www.sistemamaxi.com.br](http://www.sistemamaxi.com.br)

**Pedagogia Afetiva**



## Fala, mestre! MYRIAM NEMIROVSKY

➤ dução de texto e, no fim, conseguem enxergar o quanto aprenderam nesse caminho", explica a pesquisadora.

**Que condições são essenciais para o ensino da linguagem escrita?**

MYRIAM NEMIROVSKY Um aspecto central é a presença de uma boa biblioteca na classe e na escola. É preciso organizar, frequente e sistematicamente, trabalhos de leitura nos quais o docente lê textos de diferentes tipos em voz alta e dessa maneira compartilha comportamentos e procedimentos leitores com as crianças. Isso pode ser feito com toda a sala de uma vez, com uma única criança ou em duplas. Em outras situações, os alunos devem ser desafiados a ler sozinhos e a comentar com o professor e com os colegas o que acharam da leitura. Também é fundamental organizar múltiplas oportunidades para que a turma escreva seus próprios textos. O sucesso dessas situações depende muito de como o docente planeja – e é aí que entram os projetos e as sequências didáticas. Essas modalidades organizativas podem levar as crianças a elaborar contos, receitas culinárias ou anúncios publicitários, dependendo do contexto funcional que se quer promover em cada situação, ou seja, qual situação real de produção de texto se deseja trabalhar.

**Como as crianças pequenas aprendem quando escrevem?**

MYRIAM Por meio das intervenções do docente, os pequenos vão tomando consciência das diferenças entre a linguagem falada e a escrita à medida que leem e escrevem. Redigir não é grafar a linguagem oral, mas usar um tipo específico de linguagem, de vocabulário, de sintaxe, de estrutura etc. E isso eles vão notando quando se faz um trabalho sistemático com diferentes gêneros, por exemplo, o conto e a poesia.

**Que mudanças traz o trabalho com projetos e sequências didáticas?**

MYRIAM Assumir que as atividades em classe podem ser estruturadas em sequências implica organizar um processo didático por meio do qual desencadeamos uma série de ações sucessivas e com diferentes graus de complexidade, que têm um propósito explícito e claro e que ocorrem ao longo de várias semanas ou meses. Essa forma de organizar as aulas se difere do modo educativo transmissivo, que vigorou durante muito tempo e lamentavelmente continua vivo em muitos lugares. Nele, o professor apenas

relacionem com o objeto de ensino e avancem em seus conhecimentos. Além disso, eles compartilham dos propósitos estabelecidos pelo professor. Ou seja, precisam saber o que será feito ao longo do tempo e por que farão isso. Assim, todos ficam cientes dos objetivos das atividades e do que se espera que aprendam com esse trabalho, o que dá muito mais sentido às atividades em classe.

**Qual o impacto de comunicar os objetivos do trabalho aos alunos?**

MYRIAM Isso deixa evidente para eles os processos que têm de percorrer para realizar determinadas tarefas.

Vou explicar essa afirmação com um exemplo concreto: quando são desafiadas a concluir um produto final real – um livro com receitas para leitores que vivem em outra região, por exemplo – as crianças têm de passar por uma série de ações leitoras e escritoras. Elas sabem que alguém vai ler o que fizeram e se empenham em dar conta dessa missão da melhor maneira possível. Ao longo do trabalho, a turma passa por diversas etapas e, ao finalizá-las, pode analisar o percurso e perceber tudo o que foi aprendido.

**Quais as principais vantagens de planejar as aulas por meio de projetos e sequências didáticas?**

MYRIAM A primeira é poder prever com certa segurança o que será feito a cada aula e em todas as etapas seguintes. Isso ajuda a determinar com mais facilidade que materiais, situações ou fontes de informação são necessários para que esse processo possa ser levado a cabo. Um professor que sabe o que vai fazer chega à sala muito mais seguro e capaz de intervir para que os alunos aprendam. É claro que, enquanto estamos desenvolvendo uma sequência, podem surgir situações não previstas, que devem ser levadas em conta e incluídas entre as ➤

*“A organização das atividades em sequências e projetos permite que os alunos se relacionem com o objeto de ensino.”*



projeto  
**ápis**

Conheça e adote o projeto que está conquistando os educadores.

**Do seu jeito.**



“O conhecimento só é realmente adquirido quando atribuímos a ele um significado. O Projeto Ápis ajuda o aluno a refletir, construir e sistematizar o conhecimento que usará no seu dia a dia.”  
Cristina, Coordenadora do Ensino Fundamental I.

“Para mim, o Projeto Ápis é um mundo novo, cheio de descobertas. É um grande passo para o futuro.”  
Giselle, Professora do Ensino Fundamental I.



“O Projeto Ápis é uma proposta de novas possibilidades para otimizar e garantir o processo de aprendizagem de nossos alunos.”  
Patrícia, Coordenadora Geral das Unidades Cantareira e Tremembé - Colégio Jardim São Paulo.











www.projetoapis.com.br

**ea**  
editora ática